

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

**GABRIEL DO CARMO YAMAMOTO**

**IMIGRAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL:**  
**Estratégias e táticas de organização dos imigrantes haitianos na Região**  
**Metropolitana de Goiânia, Goiás**

**GOIÂNIA**

**2017**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     **Dissertação**     **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

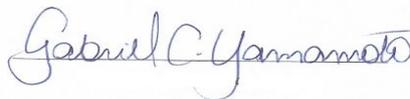
Nome completo do autor: Gabriel do Carmo Yamamoto

Título do trabalho: IMIGRAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL: Estratégias e táticas de organização dos imigrantes haitianos na Região Metropolitana de Goiânia, Goiás.

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 18 / 12 / 2017

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

**GABRIEL DO CARMO YAMAMOTO**

**IMIGRAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL:  
Estratégias e táticas de organização dos imigrantes haitianos na Região  
Metropolitana de Goiânia, Goiás**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás (PPGADM/UFG) como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração

**Área de concentração:**  
Empreendedorismo, Estratégia e Inovação

**Orientadora:** Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira

**GOIÂNIA**

**2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Yamamoto, Gabriel do Carmo  
IMIGRAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL [manuscrito] : Estratégias e  
táticas de organização dos imigrantes haitianos na Região  
Metropolitana de Goiânia, Goiás / Gabriel do Carmo Yamamoto. -  
2017.

102 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências  
Econômicas (FACE), Programa de Pós-Graduação em Administração,  
Goiânia, 2017.

Anexos. Apêndice.

1. Práticas de Organização. 2. Imigrantes haitianos. 3. Mobilidade.  
I. Oliveira, Josiane Silva de, orient. II. Título.

CDU 005



**GABRIEL DO CARMO YAMAMOTO**

**IMIGRAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL:**

**Estratégias e táticas de organização dos imigrantes haitianos na Região  
Metropolitana de Goiânia, Goiás**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração

**Orientadora:** Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira

Dissertação aprovada em 11/12/2017 pela seguinte banca examinadora:

---

**Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira**

(PPGADM/UFG – Orientadora)

---

**Profa. Dra. Letícia Dias Fantinel**

(PPGADM/UFES)

---

**Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre**

(PPA/UEM)

---

**Prof. Dr. Cândido Vieira Borges Júnior**

(PPGADM/UFG - Membro Suplente)

---

**Prof. Dr. Eduardo Gonçalves Rocha**

(PPGDA/UFG - Membro Suplente)

**GOIÂNIA**

**2017**

“Uma pedra no leito do rio não sabe quanto sofre uma pedra exposta ao sol”

Provérbio Haitiano<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Obtido do livro “Vodou Haitiano: espírito, mito e realidade”

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, que durante toda minha existência foi meu porto seguro, fonte de amor incondicional, suporte emocional e sempre me deu força para seguir em frente em nossa luta pelo pessoal e pelo coletivo. Ao Lucas por todo seu companheirismo, carinho e apoio durante esta jornada. À minha avó de coração, Líbia Torraca, que sempre me cuidou e torceu pelo meu êxito. À minha família de coração, os Calixtos, que deram grande suporte nos momentos mais difíceis.

À minha querida orientadora Josiane, que desde o início mostrou-se uma pessoa de admirável conhecimento e de forte empatia, muito obrigado por todas orientações, conselhos e por me mostrar caminhos alternativos ao *status quo*. Ao professor Cândido, que me incentivou e auxiliou no estabelecimento em Goiânia. Ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás, que me recebeu e propiciou a estrutura física para o meu crescimento no campo científico. Às minhas colegas de mestrado, em especial Ana Flávia, Gabriela, Mariana Uchôa e Jéssica, que por inúmeras vezes ouviram minhas incertezas e juntos procuramos o melhor caminho.

À minha família Carmo, especialmente minha querida prima Nubya, seu esposo Emerson e seus filhos, que por diversas vezes me socorreram e me receberam, me auxiliando nos percalços da vida em Goiânia. Agradeço em especial também minha tia Dorvacy, tia Rosa e primo Daniel.

Ao meu pai e minha madrasta, Angela, por seus auxílios durante esse tempo. Aos meus avós japoneses, que são parte do que sou como pessoa. À minha amada tia Miti, tio Masato e primo Manabu, que ocupam um grande lugar em meu coração, apesar de nossa distância geográfica.

Por fim, mas indubitavelmente elemento chave neste processo, gostaria de agradecer profundamente às comunidades haitianas da Região Metropolitana de Goiânia, que me receberam de braços abertos durante a execução da minha pesquisa. Especial agradecimento ao Pastor e família, Irmã, professora e aos meus entrevistados.

## RESUMO

Nesta dissertação trabalhamos<sup>4</sup> a imigração como prática social por meio de uma pesquisa empírica com imigrantes haitianos. Nosso objetivo foi compreender as práticas de organização dos imigrantes haitianos na região metropolitana de Goiânia, Goiás. Isso porque a prática social da imigração é a base de produção de processos organizativos, cuja construção de espaços e lugares se constitui a partir da mobilidade socioespacial dos sujeitos sociais. Para o desenvolvimento desse argumento teórico, nos respaldamos principalmente nos conceitos trabalhados por Michel de Certeau e Tim Cresswell sobre práticas e de imigração, respectivamente. A pesquisa de campo foi conduzida em comunidades haitianas estabelecidas na Região Metropolitana de Goiânia, que juntas contam com mais de 500 sujeitos provenientes do Haiti. Para produção de material empírico utilizamos as técnicas de história de vida e observação participante. As entrevistas contaram com roteiro semiestruturado. Os resultados obtidos foram analisados por meio da técnica interpretativa, sendo encontradas cinco práticas principais na organização de imigrantes haitianos: prática de caminho; prática econômica e de trabalho; prática de coabitação; prática de cuidado; e prática de religião. Como principais contribuições do trabalho pontuamos: 1) realização de aproximações de teorias da prática com as discussões sobre mobilidade socioespacial; 2) o entendimento da imigração como prática social; 3) aprofundamento da compreensão do processo imigratório/organizativo de sujeitos haitianos em terras brasileiras; e 4) discussão das políticas de recepção de imigrantes no contexto pesquisado.

Palavras-chave: Práticas de Organização. Imigrantes haitianos. Mobilidade.

---

<sup>4</sup> Optei por tratar este trabalho na primeira pessoa do plural, exceto pela parte de caminhos metodológicos, uma vez que acredito que este estudo foi fruto de um trabalho em conjunto com minha orientadora.

## REZIME<sup>5</sup>

Nan disètasyon sa a, nou te travay sou imigrasyon kòm yon pratik sosyal nan rechèch anpirik ak imigran ayisyen. Objektif nou se te konprann pratik imigran ayisyen yo nan Rejyon Metwopoliten nan Goiânia, Goiás. Etid sa a jistifye pa agiman an ki pratik sosyal nan imigrasyon se baz la nan pwodiksyon de pwosesis òganizasyonèl, osi byen ke konstriksyon an nan espas ak kote konstitye soti nan mobilite nan sosyete-espasyal nan matyè sosyal. Pou devlopman nan teyorik agiman, nou konsantre sou konsèp yo ki te travay pa Michel de Certeau ak Tim Cresswell sou pratik ak imigrasyon, respektivman. Te rechèch la anpirik nan Rejyon Metwopoliten nan Goiânia, ki tout lavil yo ansanm gen plis pase 500 sijè ki soti Ayiti. Pou pwodiksyon an nan materyèl anpirik nou itilize zouti yo ak istwa oral ak obsèvasyon patisipatif. Entèvyou yo te gen yon semi-estriktire script. Rezilta yo jwenn te analizé pa vle di nan teknik la entèpretasyon, yo te jwenn senk pratik prensipal nan òganizasyon an nan imigran ayisyen: pratik nan chemen; pratik ekonomik ak travay; koabitasyon pratik; pratik swen; ak pratik nan relijyon. Kòm kontribisyon prensipal yo nan travay la nou pwenn soti: 1) realizasyon nan apwoksimasyon nan teyori pratik ak diskisyon yo sou mobilite espasyal espasyal; 2) konpreyansyon imigrasyon an kòm yon pratik sosyal; 3) grandisan konpreyansyon pwosesis imigran / òganizasyonèl matyè ayisyèn yo nan peyi Brezil; ak 4) diskisyon sou règleman yo resepsyon nan imigran nan kontèks la fè rechèch.

Mo kle: Òganizasyon pratik. Imigran ayisyen. Mobilite.

---

<sup>5</sup> Incluímos no trabalho o resumo em Crioulo Haitiano no intuito de reforçar a legitimação do idioma, que é a língua materna e de domínio geral da população, uma vez que o francês, no país, tem um papel de demarcador social (COTINGUIBA, 2014).

## **ABSTRACT**

In this dissertation, we have worked on immigration as a social practice through empirical research with Haitian immigrants. Our objective was to understand the organization practices of Haitian immigrants in the Metropolitan Region of Goiânia, Goiás. This study is justified by the argument that social practice of immigration is a base of production of organizational processes, as well the construction of spaces and places is constituted from the socio-spatial mobility of social subjects. For the development of theoretical argument, we mainly focused on the concepts worked by Michel de Certeau and Tim Cresswell about practices and immigration, respectively. The empirical research was conducted in the Metropolitan Region of Goiânia, which all the cities together have more than 500 subjects coming from Haiti. For the production of empirical material we used as tools the life history and participatory observation. The interviews had a semi-structured script. The results obtained were analyzed by means of the interpretative technique, being found five main practices in the organization of Haitian immigrants: practice of path; economic and labor practice; cohabitation practice; practice of care; and practice of religion. As the main contributions of the work we point out: 1) realization of approximations of practical theories with as discussions about socio-spatial mobility; 2) the understanding of immigration as a social practice; 3) deepening the understanding of the immigrant / organizational process of Haitian subjects in Brazilian lands; and 4) discussion of the reception policies of immigrants in the context researched.

**Keywords:** Organization practices. Haitian immigrants. Mobility.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	20
2.1 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL DE CERTEAU .....	21
2.2 A PRÁTICA DA IMIGRAÇÃO: APROXIMAÇÃO ENTRE MICHEL DE CERTEAU E TIM CRESSWELL .....	28
2.3 HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL .....	36
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	51
<b>4 CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL</b> .....	60
4.1 “ABRA O CAMINHO DOS PASSOS, O CAMINHO DO OLHAR” .....	63
4.1.1 “ABRA CAMINHO TRANQUILO PARA EU PASSAR”: DO HAITI AO BRASIL .....	64
4.1.2 “DOBRA A FORÇA DOS BRAÇOS”, VOU CAMINHAR PELO BRASIL.....	70
4.1.3 “MUROS DE CONCRETO INFETO”: A CAMINHO DO TRABALHO E DO LAZER	72
4.2 “E A DOBRA DO DORSO DO OPERÁRIO NA RUA” .....	76
4.3 “O QUE FAREMOS, ENTÃO? SEM PROVOCAR ALARDE” .....	79
4.4 “VIDA REAL DESSA FILOSOFIA”: CUIDADO DE SI E DOS “OUTROS”.....	81
4.5 “CUIDA DE MIM QUE EU VOU PRA TE SAUDAR” .....	83
<b>5 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
<b>APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS</b> .....	100
<b>ANEXO 1 – MÚSICA “FIO DE PRUMO”</b> .....	101

## PRÓLOGO

Eu nasci em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul em dezembro de 1993. Sou filho único de país separados. Minha mãe é goiana de nascimento, mas crescida em Brasília. Durante sua juventude, minha mãe participou de atos de resistência e na década de 80 morou dois anos no Xingu, trabalhando como enfermeira de povos indígenas (cedida pelo extinto Ministério do Interior – MINTER). Meu pai é filho de imigrantes japoneses, nascido em São Paulo, mas com dupla nacionalidade e fortes traços da cultura japonesa.

Meu local de nascimento e criação, Mato Grosso do Sul, é um dos estados mais jovens do território brasileiro e possui a agropecuária como atividade principal da região. Durante minha infância, meu padrasto trabalhava para a Agência de Desenvolvimento Agrário do Estado e por isso, constantemente, eu participava de visitas aos acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST, em atividades de apoio à produção dessas terras. Por esses motivos, e também devido ao trabalho de minha mãe em classes especiais de escolas e programas de ressocialização da psiquiatria da Santa Casa de Campo Grande, passei grande parte de minha infância atuando como voluntário em eventos filantrópicos em apoio às parcelas vulnerabilizadas pela sociedade.

Apesar de possuir uma criação mais progressista em casa, minha educação básica foi concluída em colégio católico, sendo um grande conflito durante minha infância a questão de conviver com ambientes tão plurais e ao mesmo tempo participar de atividades tradicionalistas e hegemônicas no período escolar. Ainda que no ambiente da escola predominassem pessoas brancas de classe média alta, minha principal amizade adquirida da época foi com Diogo, filho de um médico haitiano e uma bióloga brasileira. Seus pais, ambos negros, se conheceram durante o período de graduação, cursado na mesma faculdade que meus pais, tendo estes amigos em comum.

Aos meus 15 anos consegui ser patrocinado pelo Rotary para o intercâmbio de um ano no ensino médio na Dinamarca. Além dessa experiência internacional, aos 19 anos pude realizar um trabalho de férias para universitários, em um resort de esqui nos Estados Unidos. Durante os três meses e meio que estive nos EUA meu emprego principal era auxiliar o escritório de “tickets”, entretanto, logo no primeiro mês consegui

mais dois empregos no local, sendo um na organização do estacionamento e o outro na equipe de limpeza da estação.

O emprego de faxineiro de uma estação de esqui de um resort de luxo nos EUA foi uma das experiências mais marcantes que já tive. Durante o dia eu tinha contato direto com os esquiadores, em sua maioria pessoas de alto poder aquisitivo, e durante a noite eu limpava banheiros utilizados por essas pessoas. Era uma situação paradoxal, uma vez que enquanto eu estava com o uniforme do escritório de ticket e conversava com os consumidores eu era constantemente elogiado pelo meu inglês e pela minha disposição de estar trabalhando nos EUA. Em contrapartida, quando eu estava com uniforme de limpeza minha imagem se dissipava, sendo constantemente ignorado pelos esquiadores.

Ao mesmo tempo, a função de faxineiro me propiciou conhecer mais a fundo os funcionários da estação, em grande parte pessoas que ainda enfrentavam consequências da crise e imigrantes latinos que já estavam há muitos anos nos EUA, mas que não falavam inglês. Enquanto os nacionais da elite não enxergavam a minha presença durante o turno da limpeza, os imigrantes e os nacionais de baixa renda me abraçaram em suas rotinas, sendo que muitas vezes eles ofereciam parte de seus lanches e me presenteavam com comidas, pois, segundo eles, eu estava “sozinho” no país e era o mínimo que eles poderiam fazer.

Uma outra experiência marcante nos Estados Unidos foi quando em um dia fazendo fiscalização dos tickets dos esquiadores na estação tive que barrar uma pessoa que esquiava clandestinamente. Essa pessoa passou a me agredir verbalmente, dizendo que eu deveria voltar para o meu país e que funcionários imigrantes faziam o serviço do lugar ser ruim. Ao retornar ao Brasil, por muito tempo refleti sobre minhas experiências com a imigração, uma vez que pude conhecer dois lados extremos de sua manifestação.

De um lado a imigração é enaltecida, como no caso da minha descendência japonesa, já que japoneses que são considerados pela sociedade brasileira como pessoas de boa condição financeira e de superior inteligência. Além disso, enquanto intercambista de ensino médio, a visão que os dinamarqueses possuíam é de que o Brasil possui uma grande elite, uma vez que somos responsáveis por grandes gastos de turismo na Europa. Até mesmo na função de funcionário auxiliar nos Estados Unidos fui majoritariamente bem tratado, uma vez que dominava a língua do país e era um estudante universitário em férias.

Em contrapartida, o imigrante brasileiro que ocupa funções mais operacionais, como a de limpeza, é encarado como parte de um contingente indesejado, sendo este algumas vezes ignorado ou repudiado no seu país anfitrião. Ao mesmo tempo, durante esse tempo que conheço Diogo pude conhecer um pouco das dificuldades que seus parentes haitianos enfrentam em busca de uma vida minimamente digna.

Frente à toda a minha história de vida, encontrei neste trabalho um espaço para tratar a imigração de enquanto prática social, com foco em sujeitos de pesquisa que fogem do imaginário hegemônico brasileiro. Tomo esta pesquisa como uma oportunidade de tratar sobre os caminhos de sujeitos “invisíveis” em sua jornada pelo seu direito de ser.

## 1 INTRODUÇÃO

O ponto teórico principal que exploramos neste trabalho é a ideia de práticas, a partir da teoria de Michel de Certeau, e de imigração, discutido por Tim Cresswell, no campo dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) na área de Administração. Para concretização deste objetivo, o sujeito de pesquisa que escolhemos foi o imigrante haitiano, que faz parte de um dos fluxos de imigração mais recentes no território brasileiro, além de ser um povo fortemente marcado por desventuras históricas.

Acreditamos que ao analisar mais profundamente as experiências de vidas dos sujeitos de pesquisa, consistidas de escolhas, ações e manifestações de sentimentos e vontades, foi possível discutir a forma de agir desses sujeitos, bem como entender como sua presença no Brasil, enquanto imigrantes, manifesta organizacionalmente em nossos ambientes urbanos. Lançamos esta dissertação com o intuito de a posicionar em um campo que está em desenvolvimento na Administração, as práticas organizacionais, bem como o campo das mobilidades socioespaciais das pessoas, havendo, assim, uma aproximação de teorias multidisciplinares (filosofia e geografia) no campo dos Estudos Organizacionais no Brasil.

Ao trabalharmos a imigração no campo da prática, a visão que construímos é a de que a mobilidade é uma ação praticada, experimentada e corporificada, conceituação esta que dissocia o ato de imigrar com o de simplesmente se locomover por quaisquer motivos em questão (CRESSWELL, 2006). Cresswell (2006) ainda estabelece uma relação paralela dos sujeitos migrantes com a ideia de um sujeito móvel, demonstrando assim, um esforço em entender a mobilidade através de conceituação intelectualmente trabalhada.

Analisar o imigrante através de motivações que vão além de justificativas engessadas pela racionalidade nos permitirá obter visualizações de como informações, consumos, desejos e ações são processadas por diferentes sujeitos, com base em suas experiências de vida. Certeau (2008) ressalta a importância de uma lógica em práticas, uma vez que elas compõem uma forma de pensar em prol de uma maneira de agir, ou seja, uma combinação não separável da arte de utilizar.

É preciso destacar que ao reconhecermos a dimensão prática da mobilidade, estaremos discutindo um conceito que já constitui um importante tópico de pesquisa na área de Administração, que é o campo dos Estudos Baseados em Práticas (EBP), sendo

que Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010) destacam a existência de um pluralismo conceitual do conceito de práticas nos Estudos Organizacionais.

Feldman e Orlikowski (2011) propõem três formas de compreensão desse pluralismo conceitual no campo das práticas: empírico, teórico e filosófico. O enfoque empírico destaca as ações humanas rotineiras como foco de discussões (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). A compreensão teórica das práticas destaca como as práticas são produzidas, reforçadas ou transformadas e as consequências desse fenômeno na vida social (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Já a ênfase filosófica do conceito de práticas destaca que a realidade social é fundamentalmente constituída por práticas (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Partindo do entendimento filosófico do conceito de práticas aproximaremos as discussões sobre mobilidade apresentadas por Cresswell (2006) com os debates sobre práticas propostos por Certeau (2008). Para Certeau (2008), o espaço é “um lugar praticado”, ideia que o autor metaforiza inicialmente como o cenário urbano, tendo a rua como lugar geometricamente definido e o pedestre como autor que transforma o local em espaço. Sendo assim, consideramos que as práticas de mobilidade no espaço social constituem a imigração no conceito urbano contemporâneo como um lugar praticado e transformado em espaço pelos imigrantes que ali se interagem. O “retorno da mobilidade” nos Estudos Organizacionais discute como diferentes formas de mobilidade socioespacial no contexto contemporâneo impacta na produção de diferentes processos organizacionais e relações de trabalho (COSTAS, 2013), a exemplo dos processos migratórios.

Escolhemos os processos migratórios para este estudo devido a sua forte influência atual nas relações de trabalho e no contexto socioeconômico internacional. O conceito inicial da migração entende que a entrada de um sujeito em uma região corresponde ao fenômeno da imigração e que a saída seria a emigração, podendo este fenômeno ocorrer com indivíduos ou grupo de indivíduos entre regiões geográficas. Além disso, a imigração está intrinsecamente relacionada à humanidade, uma vez que, em nosso percurso histórico, os indivíduos por diversos períodos fizeram-se uso de práticas nômades.

Apresentamos que as mobilidades, a grosso modo, são mensurações de fluxos de um ponto geográfico A para um ponto B, porém, dissociando deste conceito, Cresswell (2006) acredita que a mobilidade, como fenômeno, envolve uma série de processos

distintos e fatos, essencialmente presentes na estrutura do cotidiano das pessoas, englobando interações espaciais e dinâmicas demográficas específicas. Essas mobilidades são, em geral, discutidas a partir dos processos migratórios dos indivíduos que podem ocorrer por diversos motivos, dentre estes os econômicos, por exemplo.

Quanto à amplitude de ocorrência, a mobilidade trabalhada por Cresswell (2006) pode ocorrer em nível internacional, nacional ou pendular, mas nesse trabalho concentraremos especificamente em analisar imigrantes internacionais no Brasil, apesar de abordarmos os outros níveis de mobilidade ao analisar o percurso desses imigrantes.

O nosso campo de pesquisa engloba sujeitos procedentes do Haiti, mas que estão estabelecidos no Brasil, um país que consideramos com sua base imigratória. No aspecto histórico do Brasil enquanto Estado, tivemos por inúmeros momentos a imigração como base da construção da nação, seja ela através de estabelecimentos de imigrantes com objetivo de formar suas vidas no território brasileiro, bem como no processo de imigração compulsória de sujeitos escravizados para suprir a mão de obra da produção de commodities no Brasil colônia.

Como ressaltamos, o país teve grandes movimentações de migrantes, mas aqui focaremos num fluxo mais recente, devido a ocorrência da intensificação do fluxo migratório dentro do território nos últimos dois séculos. No período do final do século XIX e metade do século XX houve um crescimento significativo de migrantes se estabelecendo em diferentes regiões do país, tendo o Censo 2010 (IBGE, 2012) contabilizado que o Brasil, em 2010, recebeu 268,5 mil imigrantes internacionais, número este que comparativamente com o ano 2000 (143,6 mil) representa um aumento de 86,7% na quantidade de indivíduos entrantes no território nacional.

Os sujeitos de pesquisa que escolhemos para o desenvolvimento deste estudo, os imigrantes haitianos, representam um dos grupos sociais de mais recente atividade e que possui relevante participação no contexto migratório no Brasil. Seu fluxo de imigração se intensificou substancialmente após a instabilidade causada pelo terremoto de 2010 no Haiti, que levou seus nacionais a recorrer à emigração do país para outros locais no continente americano em buscas de melhores oportunidades de sobrevivência. Neste ponto, o Brasil se tornou um destino promissor devido ao discurso de crescimento econômico do país, além da possibilidade facilitada de se obter um visto de permanência (COTINGUIBA, 2014).

Neste trabalho também temos o propósito de entender qual foi o procedimento de acolhida de imigrantes adotado pelo Brasil, através da análise da vida social cotidiana, objetivo este que é reforçado por Godoy (2011), que afirma que é necessária uma análise aprofundada do fenômeno de deslocamento de haitianos, de modo que haja a construção de uma compreensão da situação específica destes sujeitos em suas imigrações.

Utilizamos, portanto, este trabalho como uma oportunidade para desenvolver questões acerca da imigração em contexto regional, uma vez que mesmo tendo a “facilidade” de se obter um visto de permanência no Brasil, o país apresenta políticas migratórias em geral não adaptadas à realidade atual. Em um estudo sobre entradas legais e ilegais de imigrantes haitianos em terras brasileiras, Silva e Oliveira (2015) afirmam que o Brasil ainda tem muito a desenvolver em termos de políticas migratórias, pois atualmente só há uma regulação que permite a entrada e permanência dos imigrantes, mas não existe uma atenção em garantir direitos e promover a integração desses seres sociais à sociedade local. Também justificamos a necessidade de aprofundamento no campo da imigração por percebermos que muitos sujeitos imigrantes, na ausência de melhores condições de estabelecimento, se veem fadados a atuar na informalidade para obter sua subsistência econômica.

Segundo Mejía (2015), o processo migratório de haitianos ainda é algo a ser melhor delineado, uma vez que “a travessia ainda dói. Os sentimentos e as emoções estão contidos em vozes sufocadas pelos problemas que enfrentam”. Exemplo de problemas desencadeados por um processo migratório difícil é a dificuldade em aprender a língua anfitriã. Mejía (2015) afirma que a mágoa da imigração manifesta no aprendizado do português, aprendendo estes sujeitos uma dificuldade em se comunicar com a sociedade de acolhimento.

Com base no arcabouço teórico deste trabalho, a questão que levantamos é: como se configuram as práticas de organização dos imigrantes haitianos na Região Metropolitana de Goiânia, Goiás? O objetivo geral é, portanto, discutir as práticas de organização de haitianos que migraram para a Região Metropolitana de Goiânia, Goiás. Como objetivos específicos pontuamos: 1) compreender o processo de deslocamento sociogeográfico dos imigrantes haitianos até a sua chegada na RMG; 2) identificar as práticas cotidianas dos imigrantes haitianos; e 3) compreender o processo de organização dos imigrantes haitianos na RMG.

A pesquisa empírica teve caráter qualitativo e foi realizada entre agosto e novembro de 2017. As técnicas utilizadas para produção de material empírico foram história de vida e observações participantes. Foram realizadas cinco entrevistas com imigrantes haitianos, seguindo um roteiro semiestruturado, de apoio à narrativa da história de vida. As observações se deram nas comunidades desses sujeitos, englobando diversas de suas atividades cotidianas, a exemplo de suas práticas religiosas. Após a transcrição das entrevistas foram feitas análises por meio da técnica interpretativa, buscando identificar em suas falas as suas principais práticas de organização.

Em termos de estrutura de trabalho, apresentaremos inicialmente o referencial teórico, apresentando teorias sobre práticas, mobilidades e imigração haitiana no Brasil. Em seguida nós mostraremos os caminhos metodológicos adotados para a produção de material empírico. Após serão apresentados os resultados entrelaçados com as análises do mesmo. Por fim, fecharemos o trabalho através de discussão e considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Em uma busca de adentrar o campo dos Estudos Baseados em Prática – EBP, nós apresentaremos inicialmente neste referencial teórico os estudos de Michel de Certeau, com foco principal na obra *A Invenção do Cotidiano*. Portanto, na primeira seção tentaremos preparar o campo teórico para sugestão do Fenômeno da Imigração enquanto Prática Social. Para alcançar tal proposição no segundo tópico realizaremos uma aproximação entre teoria de mobilidade como prática de Tim Cresswell e o conceito de prática de Michel de Certeau. Por fim, fechando a construção teórica do estudo, apresentaremos o fenômeno da imigração com um direcionamento entre o histórico da Diáspora Haitiana e o histórico da imigração haitiana no Brasil. Buscaremos também apresentar o percurso legal derivado do fenômeno da imigração haitiana no país, podendo assim introduzir as características do sujeito de pesquisa e auxiliar a análise do material empírico.

## 2.1 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL DE CERTEAU

Segundo Alcadipani e Tureta (2008), antes de se iniciar uma pesquisa organizacional é necessária a realização de uma escolha do nível de investigação, podendo este ser pessoas, organizações ou sociedade. Diante disto, nós escolhemos, como nível de investigação, as comunidades haitianas, buscando analisar as mesmas enquanto organizações sociais.

Inicialmente adotamos a premissa trabalhada por Clegg e Hardy (1996) de que organizações são objetos empíricos, em que cada pessoa tem uma visão diferente ao analisar diversos aspectos de uma organização. Deste modo, o sentido empírico representa uma liberdade de como representar a organização, permitindo que este trabalho possa visualizar organizações além do sentido de negócios, ou do plano cartesiano, em que organizações seriam essencialmente grupos de pessoas que se unem com objetivo de produzir produtos ou fornecer serviços em busca do retorno financeiro.

O sentido aqui adotado, congruente com a teoria de Clegg e Hardy (1996), é o de que organizações são locais de ação social situada, mais ou menos abertas para práticas incorporadas no amplo tecido social, podendo ser formalizados em conhecimentos disciplinares. O campo organizacional, neste caso, sugere que há espaços onde o objeto empírico é construído, derivado de interação recíproca e envolvendo um processo social (CLEGG; HARDY, 1996).

Certeau (2008) mostra que as relações são sempre sociais e que em cada individualidade opera uma pluralidade incoerente dentro de suas determinações relacionais, especialmente em casos em que o sujeito não é diretamente o seu autor ou o seu veículo. No caso do sujeito haitiano, enquanto participante de uma comunidade de imigrante, o mesmo está marcado pela pluralidade comportamental, uma vez que suas ações são influenciadas por seu contexto. Cabe ressaltar que o fato de enfatizarmos, neste trabalho, o sujeito haitiano enquanto participante de uma comunidade de imigrante não exime este sujeito da produção social individual, uma vez que seus atos enquanto indivíduo também causam efeitos em seu ambiente separadamente.

Certeau (2008) afirma que as pessoas são consumidoras e produtoras em seu dia a dia, dando o exemplo do assistir televisão, em que o há a difusão de imagens pelo aparelho, imagens estas que são representações e que serão transformadas pelo consumidor cultural, resultando assim em uma “fabricação” de comportamentos

baseados nas representações difundidas por meios de comunicação. Há exemplos também de outras práticas cotidianas que são capazes de realizar produções sem a dominação do tempo, como conversar, habitar, cozinhar ou ler (CERTEAU, 2008).

Certeau (2008) ainda afirma que a leitura (ou consumo de reproduções) constitui o ponto máximo do consumidor em uma “sociedade do espetáculo”, em que há uma produção silenciosa e onde o texto deixa o leitor em situação de passividade, fazendo o uso do indivíduo como ferramenta de manifestação. Entretanto, resta saber o que é fabricado nesta situação de consumo, uma vez que o indivíduo não realiza uma interação com a leitura, havendo, portanto, uma exclusão do sujeito no processo de manifestação, tornando o consumidor um puro receptor (Certeau, 2008).

Em relação à definição de cotidiano, Certeau (2008) o toma como aquilo que nos oprime a cada dia, bem como o que nos é dado constantemente. Neste caso, o sujeito que está exercendo seu “papel de produção” designado pela sua realidade socioeconômica, não teria escolha senão o de aceitar sua posição pré-estabelecida. Adentrando a conceituação de prática, Certeau (2008) nos apresenta que as práticas de sujeitos são “maneiras de fazer” e reformular o espaço organizado, através de técnicas de produção sociocultural. Assim como Certeau (2008), nós acreditamos que as práticas são “as maneiras de fazer” e/ou de “dizer” o cotidiano realizados pelos sujeitos sociais.

As práticas cotidianas também podem ter um fenômeno de politização através do emprego de engenhosidades, por parte do mais fraco, em tentativa de tirar o poder do mais forte (CERTEAU, 2008). Estes mecanismos muitas vezes se manifestam em forma de violência, ou elementos de tensões, ou através da cultura que articula conflitos e esporadicamente legitima, alterna ou controla a razão do mais forte (CERTEAU, 2008).

Neste ponto, ao tratar de poder, surge a figura do homem ordinário, que segundo Certeau (2008) é o “herói comum”, “caminhante inumerável” e “personagem disseminado”. O homem ordinário, portanto, é o sujeito presente em massa na sociedade, responsável pela parte operacional dos setores de produção, além de ser o principal consumidor do sistema. O homem ordinário trata-se de um paradoxo, uma vez que representa maior parte da população e ainda assim é a minoria em poder social. Entretanto, Certeau (2008) afirma que há, lentamente, uma transição do foco de pesquisa no meio acadêmico, sendo que há um movimento de deixar de pesquisar os sujeitos que possuem “nomes próprios” e “brasões sociais”, para se fixar na multidão do público, amontoada aos lados.

Ainda, segundo Certeau (2008), o homem ordinário é um produtor de uma forma de generalizar um saber particular. Neste sentido, acredita-se que ele seria a figura do ser existente no mundo, que ao mesmo tempo que ele faz sua história e seu ambiente, está submetido à obscuridade existencial. O homem ordinário aparece na obra de Freud como a multidão que tem como destino comum ser ludibriada, frustrada e forçada à atividade laboral cansativa, submetida à lei da mentira e ao tormento da morte (CERTEAU, 2008).

Sendo assim, sujeito seria a figura do homem<sup>6</sup>, que é comum a todos nós, inserido em um ambiente de coexistência, regido por seus acontecimentos dia após dia. Esse efeito de marginalização de uma maioria representa a atividade cultural dos considerados “não produtores de cultura”, em que não há uma atividade assinada, apesar de simbolizada, mas que representa a única opção a esses sujeitos, que são comprados em uma economia produtivista, que demanda o silêncio de marginalidade de massa (CERTEAU, 2008). Certeau (2008) dedica seu trabalho ao homem ordinário, que na existência cotidiana tem suas “maneiras de fazer”, ou seja, suas práticas. O caminhante inumerável, para Certeau (1998) é diferenciado do observador, uma vez que o observador está colocado à distância, ligado à representação, em que a vontade de ver a cidade precedeu os meios satisfazê-la.

Em dissociação, o caminhante se encontra nos limiares onde cessam a visibilidade, lugares estes que são a moradia dos praticantes ordinários da cidade (CERTEAU, 2008). O caminhante se encaixa neste contexto uma vez que ele representa uma forma elementar da experiência da prática e são sujeitos que “jogam” com espaços que não se veem (CERTEAU, 2008). A cidade, neste caso, se apresenta como um nome próprio, possibilitando, assim, a construção do espaço a partir de uma quantidade limitada de propriedades estáveis, inter-relacionadas e isoláveis, sendo que Certeau (2008) coloca que o movimento caracteriza as práticas organizadoras de uma cidade habitada. O pedestre urbano produz um processo de apropriação do sistema topográfico, em que há “contratos pragmáticos” em forma de movimentos (CERTEAU, 2008).

Já tendo apresentado o homem ordinário e a prática enquanto maneira de fazer, nós ressaltamos a necessidade de também abordar as formalidades das práticas. As formalidades são apresentadas principalmente no intuito de buscar uma lógica das

---

<sup>6</sup> Utilizamos o termo “homem” por se tratar de uma referência ao “homem ordinário”, apresentado no livro *A Invenção do Cotidiano* de Certeau (2008).

práticas decorrentes de operações multiformes e fragmentárias, sendo que há duas classificações de práticas a partir de dois conjuntos de formalidades: as estratégias e as táticas. (CERTEAU, 2008).

Primeiramente, as práticas estratégias são manipulações de relações de forças que possibilitam isolar sujeitos de saber e poder circunscrevendo lugares próprios de onde se podem gerir relações com uma exterioridade de alvos, como clientes ou objetos de pesquisa (CERTEAU, 2008). A racionalização da estratégia, no campo da Administração de Empresas, empreende uma tentativa de distinguir do ambiente um próprio, ou seja, um lugar onde se manifesta um próprio querer e poder (CERTEAU, 2008).

Neste ponto cabe ressaltarmos que os estudos que utilizam das teorias de Michel de Certeau na Administração em suas abordagens teóricas normalmente estão conectados às práticas estratégias, como o caso do trabalho de Sampaio, Fortunato e Bastos (2013), que buscou avaliar o processo de articulação de sujeitos organizacionais na realização de estratégias. Outro estudo que pode se destacar foi o de Silva, Carrieri e Souza (2012), que, através dos conceitos de estratégias e táticas do cotidiano, realizou investigações sobre criação de estratégias práticas em organizações através do tempo. Também há o artigo de Júnior, Peixoto e Carrieri (2013) que trabalhou o cotidiano de duas cooperativas, realizando o acompanhamento de suas estratégias de controle e interações de seus cooperados, tendo sua fase analítica amparada pelas teorias de tática e espaço habitado.

A estratégia isoladamente é tratada por Certeau (2008) como a manipulação de relações de forças possibilitadas a partir do momento em que um sujeito de querer e de poder pode ser isolado, além de se postular a estratégia como um lugar em que pode ser demarcado como algo próprio, passível de gerir relações através da exteriorização de alvos ou ameaças. Nesse caso, o próprio é apontado como o vencimento do lugar sobre o tempo, em que há a contabilização de vitórias conquistadas, bem como onde há a preparação para engajamentos futuros com o objetivo de adquirir independência de estar sujeito às variações de circunstâncias (CERTEAU, 2008).

Para exemplificarmos as práticas estratégias é possível pensarmos em um ambiente fabril, onde há uma racionalização de modo estratégico em prol de uma separação entre o ambiente de trabalho e a vontade própria de seus funcionários, de modo que esses sujeitos sigam os comandos de operação para obter os resultados

esperados pela empresa. Entretanto, conforme afirma Certeau (2008), que é necessário compreender o cotidiano a partir de jogos, de possibilidade de ação. Assim como há práticas de natureza estratégica que objetivam a temporalidade para estabelecimento de próprios, de pertencimentos, também há práticas que transgridam o ordenamento estabelecido:

As maneiras de fazer constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural. Isso é análogo a Foucault no sentido de distinguir operações quase microbianas nas estruturas tecnocráticas e alteram o funcionamento por múltiplas táticas no cotidiano. É contrária a Foucault, pois no limite as astúcias dos consumidores formam uma rede de antidisciplinas (CERTEAU, 2008, p. 41).

Para a compreensão dessa rede de antidisciplinas, de transgressão, Certeau (2008) desenvolve o conceito de táticas. As práticas táticas se caracterizam pela ação calculada que é determinada pela ausência do próprio e sem um “lugar” (CERTEAU, 2008), onde atuam no campo do outro e no espaço por ele controlado. Como elas não capitalizam a temporalidade, as táticas não estabelecem um lugar próprio de ação, permitindo mobilidade e improvisação (CERTEAU, 2008).

Ainda no conceito de transgressão, podemos citar também o conceito de delinquência, constituído através da demarcação e da ação de travessia, uma vez que limites são transportáveis (CERTEAU, 2008). Neste sentido, para existência do delinquente é preciso a existência do deslocamento, uma vez que entre as ligações dos códigos há a existência do privilégio e o transpassante assume a figura do delinquente (CERTEAU, 2008). Além disso, onde há uma ordem espacial, há uma organização de conjuntos de possibilidades e proibições, sendo que o sujeito enquanto caminhante faz a atualização de alguns desses conjuntos (CERTEAU, 2008). Seria, neste caso, um exemplo o imigrante, que através do atravessamento de fronteiras delineadas sem portar um visto ou autorização de entrada, estaria assumindo a posição de delinquente, pelo simples fato da mobilidade. Sendo assim:

A delinquência social consistiria em tomar o relato ao pé da letra, tomá-lo como o princípio da existência física onde uma sociedade não oferece mais saídas simbólicas e expectativas de espaços a pessoas ou grupos, onde não há mais outra alternativa a não ser o alinhamento disciplinar e o desvio ilegal, ou seja,

uma forma ou outra de prisão e a errância do lado de fora.  
(CERTEAU, p. 216, 2008)

Voltando às práticas táticas, Certeau (2008) ainda afirma que estas não objetivam totalizar o outro, pois ela opera golpe por golpe, lance por lance. O sentido de golpe trabalhado por Certeau (2008) se diz respeito ao modo de como a tática se manifesta no momento de ocorrência. Ainda, Certeau (2008) trabalha que a tática não possui lugar a não ser o do outro e que apesar da tática não objetivar a totalização do outro, a direção estratégica que teve forças aplicadas em si está a caminho de se tornar tática, caracterizando também a tática como a ausência de poder.

Cabe esclarecer que o “próprio” também é caracterizado por Certeau (2008) como uma “vitória” do lugar sobre o tempo. Neste sentido, devido à ausência do lugar, a prática tática depende do tempo, devendo continuamente haver o trabalho dos acontecimentos de modo que haja a transformação dos eventos em “ocasiões” (CERTEAU, 2008).

Esse conjunto de conceitos sobre as práticas, estratégias e táticas, tem como efeito o entendimento de outro par de conceitos desenvolvidos por Certeau (2008) que é espaço e lugar. Para Certeau (2008), lugar é a ordem em que se dispõem partes dentro da coexistência, enquanto espaço é o efeito dessas ordens configuradas por temporalidade, resultando no conceito de que “o espaço é um lugar praticado”. Portanto, a experiência surge como a manifestação da coexistência humana em uma temporalização e transformação de eventos constituídos por práticas.

Os lugares também são locais de saberes específicos. Por exemplo, quando determinada área de conhecimento assume formas específicas de produção de ciência, ela produz lugares próprios, pois são os conhecimentos produzidos por essa área considerados como saberes específicos sobre a sociedade. É por isso que a ciência se constitui por meio de diferentes disciplinas que podem se entrecruzar ou se articular, mas haverá o reconhecimento que determinado saber é próprio de determinada área e, portanto, tem legitimidade de fala sobre ela.

Essa dinâmica se materializa, inclusive, nos próprios corpos dos sujeitos sociais que podem se constituir como lugares e pertencentes a determinados lugares. Nos lugares, os corpos dos sujeitos são submetidos a códigos, regras e normas pelas quais eles são regidos (CERTEAU, 2008). Por exemplo, os saberes sobre gênero produzem

lugares específicos para o masculino, feminino e o transgênero. Já os saberes sobre raça determinam lugares para brancos, negros, indígenas, assim como os saberes sobre nacionalidade delimitam os locais que devem ser ocupados pelos estrangeiros. Com efeito, os entrecruzamentos destes saberes produzem sujeitos e os lugares que estes devem ocupar, de acordo com as disputas políticas que estes saberes estabelecem no cotidiano em práticas estratégicas e táticas que podem, inclusive, inverter a lógica de ação dos lugares.

Essa inversão do cotidiano (LEITE, 2010) possibilita destacar dinâmicas que perturbam a normatividade social (LEITE, 2010), pois “nenhum espaço social se instala na certeza da neutralidade” (CERTEAU, 2008, p. 86). Há sempre disputas no cotidiano e um dos desafios colocados aos pesquisadores sobre práticas é compreender as perturbações da vida cotidiana que desafiam o espaço disciplinar, tomando a forma de contra usos (LEITE, 2010).

Outro ponto importante de se abordar, neste estudo, é sobre as credibilidades políticas. Certeau (2008) apresenta que organizações políticas passaram a ocupar o lugar de igrejas nas chamadas “práticas crentes”, sendo que sua definição de crença não é na questão do objeto do crer ou dogma, mas sim o empenho de indivíduos em uma proposição que estes consideram verdadeira e a divulgam. Neste sentido, há uma aliança entre o poder e o religioso, cessando o “poder espiritual”, tornando o político no novo religioso (CERTEAU, 2008).

A vida como algo mutável e intercalada pela temporalidade pode ser um ponto de análise da prática de imigração, ao ser realizada a relação da mobilidade como experiência estruturada e mudada a partir do estabelecimento desses sujeitos em novos locais. Outra aproximação teórica, neste ponto, pode ser realizada, uma vez que Cresswell (2006) trabalha que o movimento é composto por tempo e espaço. Certeau (2008) apresenta que a atividade de “caminhada” é caracterizada pela falta de lugar e faz parte do processo indefinido de existir e estar procurando um próprio, sendo que essa indefinição é potencializada e organizada pela cidade, transformando o ambiente urbano em um enorme campo para experiência social através da privação de lugar, compensada pelas relações sociais que criam um tecido urbano.

A imigração, no geral, ainda é uma prática pouco trabalhada no campo da Administração, talvez devido à sua especificidade de ocorrência como fenômeno social. Como exemplos na área podemos citar os estudos de Silva e Yen-Tsang (2015),

Oliveira (2007) e Mariz e Bógus (2013), que trabalharam sobre empreendimentos de imigrantes no Brasil. A dimensão prática da mobilidade que adotaremos é a defendida por Cresswell (2010), que afirma que o movimento consiste na realização de algo e pela ideia de que a prática pode ser associada a mobilidade devido a necessidade de se realizar uma decisão, seja essa decisão em âmbito geográfico, seja ela em nível de sociedade.

## 2.2 A PRÁTICA DA IMIGRAÇÃO: APROXIMAÇÃO ENTRE MICHEL DE CERTEAU E TIM CRESSWELL

Os estudos sobre imigração na área de Administração, em geral, estão predominantemente focados na esfera capitalista do movimento (OLIVEIRA, 2014). Oliveira (2014) compreende que a tradição marxista realizou discussões acerca da imigração, mas que estas se limitaram a entender o imigrante como componentes de um bloco indistinto, numa análise majoritariamente capitalista, concluindo que o ato de imigrar se deva somente ao desejo de acumulação de capital.

Um campo que tem trabalhado a imigração na Administração é o empreendedorismo. Os estudos sobre empreendedorismo por imigrantes estão em desenvolvimento, por parte de legisladores e pesquisadores, principalmente na Europa, local em que, segundo Hammarstedt (2004), o empreendedorismo é um importante modo de assimilação dos imigrantes. As teorias já existentes sobre a relação entre empreendedorismo e imigração estão classificadas em dois grupos específicos (PERONI; RIILLO; SARRACINO, 2016). O primeiro grupo foca nos fatores específicos que explicam as diferenças de propensão de imigrantes a começarem empreendimentos comparados a não imigrantes e o segundo grupo foca seus estudos no ambiente cultural e institucional do país de destino desses imigrantes (PERONI; RIILLO; SARRACINO, 2016).

Inicialmente, Cresswell (2006) apresenta que a mobilidade pode se manifestar em diversas formas, como andar, dançar, correr, fazer exercícios, mudar de casa, viajar ou imigrar, nosso fenômeno foco. Cresswell (2006) acredita que alguns desses movimentos podem estar dissociados do campo da cultura ou do social, pensamento este que se afasta do defendido por Certeau (2008), uma vez que para Certeau (2008)

todo movimento está relacionado à produção social. Ainda assim, Cresswell (2006) ressalta que os movimentos de pessoas ou objetos em todos lugares estão repletos de significados, podendo ser produtos ou produtores de poder.

A mobilidade, em uma definição básica, significa o movimento entre um ponto A para um ponto B, sendo que a mobilidade envolve um deslocamento, ou seja, movimento entre localidades, podendo este ser alguns centímetros, entre cidades ou entre países (CRESSWELL, 2006). O movimento envolve uma passagem de tempo e simultaneamente uma passagem transversal de espaço, sendo que tempo e espaço não podem simplesmente serem dados por certos na construção do movimento, uma vez que os dois representam o contexto e o produto do movimento (CRESSWELL, 2006).

O campo da geografia humana descreve o lugar e a região detalhadamente, passando entre descrições de solo, climas, relevo, chegando até a cultura (CRESSWELL, 2005). Cresswell (2005) também nos apresenta que uma forma de diferenciar uma região em particular, de outras ao redor dela, é através da delimitação de fronteiras, prática que alguns geógrafos denominam de “Chorologia”, que nada mais é do que a versão espacial de cronologia. No sentido da cultura, Cresswell (2005) afirma que a geografia cultura se concentra em posicionar e classificar áreas culturais, possibilitando a análise de como grupos culturais afetam e modificam seus habitats naturais. É importante ressaltar que o lugar não é um conceito central na geografia cultural, mas a ênfase no espaço cultural compartilhado implica a importância do significado e da prática em dado local (CRESSWELL, 2005).

Assim como Cresswell (2005) trabalha a questão de delimitação de fronteiras, Certeau (2008) também aborda o sentido de limites, enquanto parte de uma prática de poder, envolvendo o território e gerando o conceito de “lugar apropriado”. As práticas estratégicas se colocam como forte arma de classificação, mapeamento, delimitação e divisão (CERTEAU, 2008).

Certeau (2008) nos dá que entre os fortes há a dependência da certeza do mapeamento, enquanto aos fracos resta o movimento furtivo para contestar a territorialização do espaço urbano. O sujeito ao tomar seus caminhos através de suas rotas se torna nômade, classificado como herói/heroína por Certeau (2008), sendo que suas práticas táticas criticam o modelo das divisões seguras e classificações dos poderosos, criticando, assim, também sua dominação. Neste sentido, podemos relatar, como exemplo, as práticas de poder utilizadas por condomínios e estabelecimentos

comerciais na cidade do Rio de Janeiro para o controle das áreas de calçada. Chuveiros de água, posicionamento de pedras e instalação de portões na calçada têm representado uma tentativa de manter pessoas em situação de rua longe das áreas públicas frentes a esses locais.

Enquanto Certeau (2008) trabalha o sentido de lugar apropriado através de sua delimitação e práticas dos fortes, Cresswell (2005) nos mostra que um lugar é construído socialmente, no sentido do mesmo não ser natural e ter forças humanas transformando o lugar que pode ser desfeito através dessas mesmas forças. Neste sentido de apropriação podemos apresentar o “lar” como forma de exemplo de um lugar onde as pessoas sentem o sentimento de apego, sendo um centro de significados e campo de cuidados (CRESSWELL, 2005).

Portanto, tendo a figura de um lar enquanto um lugar de apego, surge também a figura da transgressão, já trabalhada anteriormente por Certeau (2008). Cresswell (2005), assim como Certeau (2008), argumenta que as pessoas, as coisas e as práticas podem por muitas vezes estarem ligadas a lugares específicos e que quando essa ligação era quebrada, as pessoas agiam “fora de lugar”, sendo essas pessoas consideradas autores de uma “transgressão”. No exemplo dado anteriormente podemos perceber que os habitantes e lojistas, que exerceram prática de poder, possuem um sentimento de propriedade sobre os locais frente aos seus imóveis, sendo que os sujeitos em situação de rua foram considerados como “transgressores” nestes locais socialmente construídos.

Cresswell (2005) afirma que dizer que um lugar é socialmente construído envolve o significado e a materialidade. De modo geral, os lugares nunca estão completamente acabados, uma vez que estão envoltos de um processo, assumindo a características de “sempre se tornando”, operando constantemente e reiterativamente através da prática (CRESSWELL, 2005). Portanto, pessoas sem lar não significa simplesmente que esses sujeitos não possuem o que chamamos de lar, uma vez que não ter lar é definido por uma certa desconexão com formas particular de lugares (CRESSWELL, 2005). O sentido de estrangeiro se constrói do mesmo modo que um lar, já que Cresswell (2005) pontua que sua existência depende da construção histórica de lugares chamados de nação.

Cresswell (2006) descreve três formas básicas de imigração. A primeira forma de mobilidade se caracteriza pelo deslocamento das pessoas de suas cidades durante o dia para realizarem atividades profissionais e estudantis em outras cidades

(CRESSWELL, 2006). A segunda, a migração nacional, é a mobilidade interna dentro da área geográfica de um país (CRESSWELL, 2006). A terceira forma, que faz parte do foco deste trabalho, diz a respeito à mobilidade internacional, em que há deslocamentos entre diferentes Estados Nacionais (CRESSWELL, 2006).

No caso da imigração internacional, Cresswell e Merriman (2010) afirmam que estes sujeitos são regularmente representados na mídia como pobres, não educados e não brancos, além de serem tomados como “drenos” de serviços estatais. Entretanto, discursos nesse sentido não somente negligenciam as complexas histórias e geografias da migração, mas também desconsideram a diversidade dos sujeitos que assumiram a posição de imigrantes (CRESSWELL; MERRIMAN, 2010).

Para Cresswell (2006) a imigração deve ser vista como mobilidade, sendo que a mobilidade é praticada, experimentada e corporificada, portanto migrar não é mais simplesmente fugir por questões políticas ou econômicas. Ao aderirmos esse pressuposto teórico acreditamos que nosso sujeito de pesquisa produz significados em sua imigração. Sendo assim, o modo que os sujeitos usualmente experimentam a mobilidade e a forma com que as pessoas se movem estão intimamente conectados aos significados dados à mobilidade através da representação, bem como as representações de mobilidade estão baseadas na forma em que a mobilidade é praticada e incorporada (CRESSWELL, 2006). A mobilidade é habituada diferentemente e, portanto, é uma experiência irreduzivelmente incorporada (CRESSWELL, 2006).

É possível, segundo Cresswell (2006), a realização de uma relação paralela dos imigrantes com a ideia de sujeito móvel, além disso, há um desejo de entendimento da mobilidade como um conceito intelectualmente trabalhado. Neste ponto é possível realizar uma aproximação da imigração como mobilidade através do conceito de homem ordinário de Certeau (2008), uma vez que o imigrante como sujeito móvel estaria envolto de configurações sociais de coexistência em seu ambiente cotidiano.

Para Cresswell (2006), o movimento, socialmente produzido pela mobilidade, pode ser entendido por três momentos relacionais, conforme o quadro 1.

#### **Quadro 1 – Momentos relacionais da mobilidade**

Momentos relacionais da mobilidade		
Mobilidade como fato	Mobilidade como representação	Mobilidade praticada
A mobilidade como algo potencialmente observável, algo no mundo, uma realidade empírica. Esse tipo de mobilidade é mensurado e analisado por modelos, teóricos de migração e planejadores de transporte.	Neste tipo de mobilidade há a representação capturada e significada a partir da produção de significados frequentemente ideológicos. O simples fato de sair de um ponto ao outro torna sinônimo de liberdade, transgressão, criatividade e a vida por si só.	A mobilidade neste sentido é praticada, experimentada e incorporada. Neste sentido a mobilidade é uma forma de estar no mundo. A forma como andamos diz muito sobre nós, bem como a forma como nossos sentimentos se manifestam no processo de movimento.

Fonte: Adaptado de Cresswell (2006)

O primeiro momento consiste em discutir a mobilidade como uma realidade empírica, pois efetivamente as pessoas e coisas se deslocam. Essa mobilidade pode ser analisada com base em modelos matemáticos de deslocamentos, por exemplo (CRESSWELL, 2006). Modelos matemáticos, neste caso, poderiam ser as mensurações entre espaços geográficos, indicando distâncias percorridas diariamente por imigrantes pendulares para realização de suas atividades cotidianas.

O segundo ponto aborda que as mobilidades são produzidas e reproduzidas por meio de representações (CRESSWELL, 2006). Estas representações da mobilidade captam e dão sentido a ela através da produção de significados, que são frequentemente ideológicos (CRESSWELL, 2006). Por isso a utilização de metáforas para os deslocamentos, a exemplo de liberdade, transgressão, criatividade ou vida própria (CRESSWELL, 2006). Estas representações produzem sentidos para as mobilidades, pois dependendo dos sujeitos sociais elas podem ter sentidos diferenciados. Como exemplo, é possível pensar que quando um jovem negro da periferia se desloca para um shopping center, o denominado “rolezinho”, este pode ser um deslocamento considerado “invasão”, o que pode ser observado em diversos jornais. Quando o

movimento é oposto, ou seja, jovens de classe média na periferia, esse deslocamento pode ser considerado como uma “experiência exótica”.

Ainda sobre o pensamento do imaginário de “invasão” em shopping centers, é possível aproximar este exemplo com o pensamento de Cresswell (1996) de que lugar e espaço por diversas vezes foi utilizado como forma de poder. Essas estratégias de poder são efetivas e simples, como o exemplo que Cresswell (1996) dispõe de como chefes capitalistas podem controlar seus operários através de seu espaço de produção. Neste ponto emerge o conceito da prática de resistência, uma vez que, segundo Cresswell (1996), ao mesmo tempo que um espaço pode ser usado como forma de controle, simultaneamente esse ato o torna também como espaço de resistência, já que a criação da ideia de “propriedade” cria o conceito de transpassar. Talvez uma analogia a esse imaginário de propriedade são as ocorrências de ataque xenofóbicos a imigrantes em situações que nacionais os consideram como “invasores”.

Por fim, a mobilidade é praticada, pois é uma forma de estar no mundo (CRESSWELL, 2006). Nesse ponto, o imigrante, ao se programar para realizar sua movimentação pelo mundo, está envolto por temporalidade em um espaço geográfico e realiza a configuração de seus ambientes (tanto no país de procedência quanto no anfitrião). Considerando que a mobilidade é praticada (CRESSWELL, 2006) é possível aproximar esse entendimento das discussões dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) nos Estudos Organizacionais (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Cresswell (2006) afirma que as mobilidades são praticadas, pois são vivenciadas, incorporadas, sendo construídas pela forma como caminhamos pela cidade, por exemplo. Nesse ponto, ocorre a aproximação de Cresswell (2006) e Certeau (2008), pois, para os referidos autores mobilidades e práticas são nossas maneiras de fazer o cotidiano.

Segundo Cresswell (2010), a prática é comumente confundida com a mobilidade, uma vez que o ato de se mover resulta no processo de fazer algo. Cresswell (2010) afirma que ao se mover é necessária a tomada de decisão, que está sujeita às amarras geográficas e da sociedade. As práticas incorporadas no processo de experimentação do mundo criam espaços e histórias, sendo que essas histórias são classificadas como histórias espaciais. Essas práticas, para Cresswell (2010), envolvem também vários compromissos concretos, necessitando de uma variedade de tecnologias e infraestrutura.

Certeau (2008) destaca que o ato de “caminhar” pela cidade está para o sistema urbano assim como o ato de enunciação está para a língua (CERTEAU, 2008). Desta forma, a mobilidade enquanto prática evidencia demarcações dos espaços e lugares sociais, uma vez que joga com as possíveis posições para os sujeitos com materialidades específicas. Ao aproximarmos teoricamente Certeau (2008) e Cresswell (2006) é possível reforçar a ideia de imigração como prática de produção de espaços e de lugares sociais, já que um processo de mobilidade socioespacial destaca as diferentes formas de organização dos sujeitos sociais. Esse entendimento possibilita compreender as variadas formas de processos organizacionais, processos estes que possuem a mobilidade como fenômeno social principal, a exemplos dos processos migratórios.

Quanto à cultura no processo de mobilidade, Seyferth (2011) afirma o fenômeno migratório realiza a produção de etnicidade, fator implicador em políticas de reconhecimento, coligadas ao multiculturalismo e aos direitos de minorias. Etnicidade esta que engloba a identidade, em uma postura subjetiva, e demarca o pertencimento de um indivíduo a uma comunidade ou grupo. Neste sentido, é enfatizado a diferença cultural e de valores como fator de orientação de comportamentos.

Ao realizar o deslocamento entre locais, Cresswell (2006) afirma que é possível pensar o movimento como mobilidade abstrata, em que há abstração dos contextos de poder. O movimento é composto por tempo e espaço, uma vez que Cresswell (2006) afirma que o movimento é a espacialização do tempo e temporalização de espaço. Além disso, se o movimento é a dinâmica equivalente de uma localização, conseqüentemente a mobilidade é a dinâmica equivalente do lugar, sendo que tanto a mobilidade quanto o lugar são componentes centrais à experiência humana sobre o mundo (CRESSWELL, 2006).

Para Cresswell (2005), o espaço é um conceito mais abstrato do que lugar, uma vez que espaço têm áreas e volumes e lugares têm espaço entre eles. O conceito de espaço é usualmente ligado ao espaço sideral ou espaços geográficos, porém Cresswell (2005) esclarece que espaço tem sido interpretado distintamente do conceito de lugar, ainda que ao se investir significado a um ponto espacial sejam atribuídas a ele um caráter de lugar.

Cresswell (2005) trabalha que lugar deve ser entendido em uma relação incorporada ao mundo. Os lugares são construídos e detém o mínimo de paisagem material. Nesse sentido, Cresswell (2005) diz que lugares nunca estão acabados, uma

vez que são resultados de processos e práticas e estão constantemente em performances. Sendo assim, a imigração ao se manifestar pode influenciar seu local anfitrião através de suas práticas além do momento de estabelecimento. Um exemplo prático são cidades cosmopolitas que apresentam em suas paisagens materiais características dos grupos étnicos que ali se instalaram.

Certeau (2008) trabalha que um lugar é uma ordem onde há distribuição de elementos da relação de coexistência. A existência do espaço está ligada à manifestação dos vetores de direção, mensuração de velocidade e tempo como variável. Para Certeau (2008), o espaço é um lugar praticado e Cresswell (2006) afirma que prática de mobilidade animam e coproduzem espaços, lugares e paisagens.

Cresswell (1996) afirma que o poder de um lugar (papel do ambiente geográfico) também está relacionado ao processo cultural e social que está presente em nosso cotidiano. Nesse sentido, Cresswell (1996) ressalta a importância dos estudos culturais na geografia devido à sua capacidade de mudar a forma de observação do fenômeno geográfico. Essa demanda pelo estudo cultural pode ser utilizada como justificativa pela necessidade de aprofundamento de estudos étnicos.

Cresswell (2005) nos apresenta que o lugar é um modo de ver, conhecer e entender o mundo, sendo que nós enxergamos mundos de significados e experiência, além de que por muitas vezes, como uma forma de resistência à racionalização do mundo, nós podemos enxergar que há mais espaço do que lugar. Nesse processo de visualização aparece também o significado de paisagem, que segundo Cresswell (2005) é uma ideia “intensivamente visual”, em que nas maiorias das definições o espectador é descrito como fora dela. A paisagem se difere principalmente no quesito de não ser possível as viver, mas somente as enxergar.

Certeau (1998) também trabalha a prática de espaço, sendo que ela está relacionada a manipulações de elementos básicos de uma ordem construtiva e desvios relativos de uma forma de significação do sistema urbanístico. Portanto, o lugar teria a manifestação de fenômenos e estes fenômenos perfomariam o lugar e neste realizariam manipulações de elementos de ordem construtiva.

Este sentido pode ser uma das justificativas da intensificação da imigração no Brasil nos últimos anos. No entanto, neste ponto uma questão é possível de se levantar: assim como nos casos do “rolezinho”, as imigrações por diferentes grupos étnicos são

tratadas diferentemente pelo imaginário popular por questões que vão além da facilidade de acesso geográfico?

Em suma, a contribuição teórica deste trabalho seria a aproximação das teorias de Michel de Certeau e Tim Cresswell ao trabalhar que a mobilidade é um fenômeno social a ser praticado, performado e que influencia constantemente seu ambiente através do tempo o espaço geográfico em que ocorre. Para podermos apresentar nosso sujeito de pesquisa, a próxima seção se esforçará em discorrer sobre as especificidades da imigração haitiana no Brasil.

### 2.3 HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL

Essa seção do referencial teórico buscará apresentar o sujeito e o contexto de pesquisa. Para tanto trabalharemos inicialmente o sentido da imigração em um campo multidisciplinar para então apresentar um histórico da imigração Haiti-Brasil.

Em uma primeira abordagem sobre a imigração, Araújo (2015) nos dá que ela somente faz sentido se analisada pelo ponto de vista de Estados nacionais, sendo que para a existência do nacional é preciso a existência do internacional. Thomaz (2015) mostra que o há uma premissa no campo das Relações Internacionais de que o mundo tem uma divisão entre jurisdições territoriais (Estados) que se excluem mutuamente, sendo que cada indivíduo pertence politicamente ao Estado enquanto Cidadão. Neste sentido, o Estado, o cidadão e o território compõem o sistema internacional (THOMAZ, 2015). Cabe ressaltar que a existência do conceito de sistema internacional possibilita a classificação de sujeitos enquanto imigrantes, ou refugiados.

O campo das Relações Internacionais também trabalha o conceito de prática através a teoria de “Boundary Practice” (“Prática de Fronteira” em tradução livre). Thomaz (2015) afirma que a Boundary Practice está relacionada ao limite que atribui subjetividade política aos cidadãos e a fronteira faz a restrição de relações políticas em âmbito interno dos Estados. Thomaz (2015) ainda afirma que a área de Relações Internacionais tem como discurso dominante o conceito de soberania estatal, permitindo especificar “quem somos” e quem “podemos ser” somente dentro do sentido de territorialidade. Entretanto, esse discurso ao mesmo tempo que denomina, ele possui um

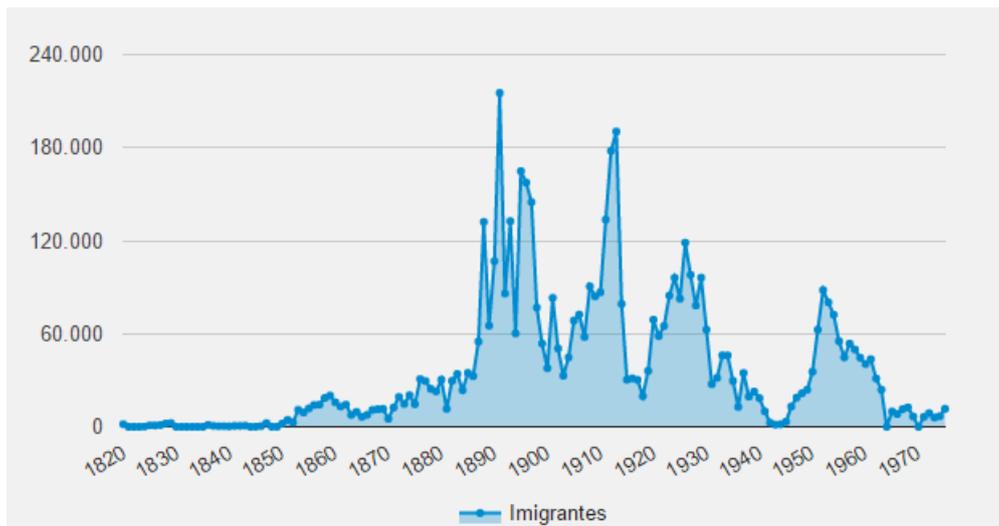
efeito de marginalização de outras possibilidades de “subjetividades políticas” e outras esferas de ocorrência das relações públicas (THOMAZ, 2015). Há, portanto, uma limitação do conhecimento na área através do restringimento do seu debate à cidadania dentro espaço territorial do Estado.

No campo de políticas, Bracante (2009) nos põe que imigrações internacionais têm desempenhado um papel cada vez mais importante no contexto político e social em diversas nações do mundo, fato este que pode ser confirmado por menções constantes de ações relacionadas ao campo da imigração em disputas eleitorais. Neste sentido, o Brasil está inserido cada vez mais no grupo de países que discutem o tema e que precisam melhorar suas políticas migratórias.

Ainda que a situação político-econômica do Brasil viesse dar um revés alguns anos após, o país por quase uma década construiu uma imagem de estabilidade e superação de mazelas sociais perante a sociedade internacional. O início do século XXI, marcado por transformações geopolíticas e econômicas, inseriu o Brasil, no panorama mundial, como uma potência econômica politicamente estável, além de adotar uma diplomacia relativamente aberta, em comparação às políticas restritivas do Ocidente. Neste contexto, era de se esperar que o país entrasse na rota das migrações globalizadas, sendo que somente entre o período de 2010 e 2012 houve um fluxo inédito de entrada de 4 mil imigrantes haitianos na região norte do Brasil (VÉRAN; NOAL; FAINSTAT, 2014).

O Brasil historicamente é um país de imigração. Durante o período de consolidação da colônia, o país foi marcado principalmente pela imigração compulsória do mercado de africanos escravizados e indígenas (FAUSTO, 2010). Com o fim da escravidão em 1888, o território passou a receber imigrantes europeus para suprir a mão de obra escravizada liberta e promover um processo de “branqueamento” da população. Podemos visualizar no gráfico 1 os períodos de maior intensidade migratória no país nos séculos XIX e XX (IBGE, 2014).

### **Gráfico 1 – Estatísticas de povoamento no Brasil entre o século XIX e XX**



Fonte: IBGE, (2000)

Cabe ressaltar que os novos fluxos migratórios no país a partir do final do século XVIII são diferentes essencialmente do ocorrido no Brasil colônia, pois marca o fim de imigração exploratória e, no caso dos sujeitos escravizados, compulsória, para um período de mobilidade com objetivo de popular e se estabelecer em terras Brasileiras (IBGE, 2014).

Apesar do Brasil possuir sua história fortemente ligada a mobilidade de indivíduos, o país só começou a legitimar a imigração, com o intuito de estabelecimento no território nacional, na década de 20, do século XX, quando um conjunto de políticas públicas reguladoras do fenômeno começaram a ser implementadas (VÉРАН; NOAL; FAINSTAT, 2014). Estas políticas visavam facilitar a entrada e legalizar a instalação dos recém-chegados, em um contexto histórico de necessidade de mão de obra para suprir as plantações de café de São Paulo (VÉРАН; NOAL; FAINSTAT, 2014). Neste sentido, Fernandes (2015) afirma que até século XIX a chegada de imigrantes se dava em prol dos interesses políticos e econômicos da Coroa Portuguesa, sendo que pouco tempo depois este fluxo modificou seus objetivos para atender a demanda por trabalhadores no setor agrícola do país.

Para Véran, Noal e Fainstat (2014), havia um desejo social de privilegiar a entrada de migrantes de ascendência europeia, dando conformidade à um povoamento compatível com uma visão de civilização regida pelo imaginário europeu. Entretanto, apesar de ser predominante um contingente de imigrantes formado por europeus,

principalmente por italianos, posteriormente o país passou a receber outras nacionalidades, como os japoneses (FERNANDES, 2015).

Segundo Fernandes (2015), entre o começo do século XX e o fim da década de 1930, mais de 4 milhões de imigrantes internacionais teriam adentrado terras brasileiras. Apesar deste período marcar o Brasil como um dos grandes receptores internacionais de imigrantes, durante as décadas de 1980 e 1990 o país viria a assumir uma posição de um uma nação de emigração, tendo a saída de muitos brasileiros para o continente europeu, Estados Unidos e para o Japão (FERNANDES, 2015).

Como mencionado anteriormente, em um recorte de tempo mais atual o Brasil entrou para rota de migrações internacionais. De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2012), o Brasil, em 2010, recebeu 268,5 mil imigrantes internacionais que, comparativamente com o ano 2000 (143,6 mil), representa um aumento de 86,7%. Os principais países de origem de imigrantes são os Estados Unidos da América, num total de 51,9 mil pessoas, e Japão, com o valor de 41,4 mil entrantes.

Além destes sujeitos, uma das rotas que mais chamou a atenção da sociedade brasileira foi a imigração haitiana. Segundo o relatório de Migração dos Haitianos no Brasil e Diálogo Bilateral (FERNANDES; CASTRO, 2014), o movimento emigratório do Haiti iniciou-se após o terremoto que assolou o país em 2010.

Em um estudo sobre entradas legais e ilegais de imigrantes haitianos em terras brasileiras, Silva e Oliveira (2015) afirmam que o Brasil ainda tem muito a desenvolver em termos de políticas migratórias, pois até recentemente só havia uma regulação que permite a entrada e permanência dos imigrantes, mas não existia uma atenção em garantir direitos e promover a integração desses seres sociais à sociedade local. Para Baganha (2005), as políticas de regulação dos fluxos têm que levar em conta os condicionalismos impostos por nossas posições no sistema, interesses geoestratégicos e passado histórico.

O fluxo de imigrantes haitianos, além da questão humanitária, chamou atenção da sociedade civil ao evidenciar as falhas políticas que o Brasil possuía na questão da imigração. Para Rodrigues e Marchese (2016), o deslocamento haitiano, combinado com seus múltiplos motivos pela imigração, mostrou que o Brasil continha um desafio humanitário ao qual seu governo não estava preparado. A política migratória vigente até o momento estava defasada, não sendo possível lidar com o fluxo haitiano em seu território (RODRIGUES; MARCHESE, 2016).

Além disto, os sujeitos haitianos se depararam com uma “nação de muitas contradições”, tanto na política, quando no social e no econômico, sendo que o caminho para regularização de um imigrante se mostrou burocrático e moroso (RODRIGUES; MARCHESE, 2016). Esses imigrantes, que se encontravam desamparados, encontraram dificuldades em obter assistência social e integração local, bem como acesso às políticas públicas (RODRIGUES; MARCHESE, 2016). Mesmo que o processo de regularização terminasse com êxito, estes sujeitos ainda permaneciam com o desafio de se integrar à sociedade, levando muitos dos haitianos a se desanimarem e desistirem do sonho brasileiro, partindo para novas rotas imigratórias (RODRIGUES; MARCHESE, 2016).

Em aspectos históricos do Haiti, A ilha de Hispaniola (atual território do Haiti e República Dominicana) foi tomada por Cristóvão Colombo e sua esquadra em 1492 (ARAÚJO, 2015). O Haiti, assim como o Brasil, é um território essencialmente marcado pela imigração, sendo que Cotinguiba (2014) afirma que a migração não é algo novo ao povo haitiano devido ao seu passado histórico. O país inicialmente foi fortemente marcado pela imigração compulsória de sujeitos escravizados da África para sua exploração enquanto colônia francesa.

O Haiti foi o primeiro território em contexto colonial a declarar o fim da escravidão negra através da primeira revolta bem-sucedida de escravos, bem como foi um dos primeiros lugares da América a conquistar sua independência (COTINGUIBA, 2014). Segundo Ávila (2016), a independência do Haiti, que ocorreu no dia primeiro de janeiro de 1804, foi resultado de 10 anos de lutas entre os escravizados e os colonizadores franceses, sendo esta a primeira independência conduzida por escravizados de uma colônia frente à metrópole.

Entretanto, segundo Cotinguiba (2014), a situação haitiana foi contraditória, uma vez que o país foi o lugar onde houve um dos maiores feitos da história moderna, o estabelecimento da primeira república negra da história e o primeiro lugar a acabar com a escravidão negra nas Américas, mas mesmo assim sua elite local empreendeu, com êxito, esforços em prol para perpetuação de algumas desigualdades embasadas no passado abolido.

Neste sentido, Wooding e Moseley-Williams (2004) põem em questão: como que o Haiti mudou em dois séculos da colônia mais rica do mundo para o país mais pobre no hemisfério ocidental? Como resposta, a teórica afirma que historiadores acreditam que o contexto externo seja o principal responsável, uma vez que o país foi

isolado do cenário internacional após sua independência. Além disso, o país foi condenado a pagar uma indenização para França por causa da independência (WOODING; MOSELEY-WILLIAMS, 2004).

O Haiti foi o primeiro lugar das Américas a declarar a liberdade dos oprimidos, todavia essa liberdade não se traduziu efetivamente na prática. Se com os franceses a opressão se fazia de senhores sobre escravizados, com a independência o jugo opressor externo não foi totalmente abolido e o explorador parece ter, em certa medida, mudado apenas a cor da pele. A construção da desigualdade interna no Haiti tem sido, a seu tempo, um dos entraves que a população encontrou frente ao desenvolvimento social. (COTINGUIBA, p. 79, 2014)

Em períodos seguintes à independência os diferentes governos sucessores pouco fizeram em prol de reverter o curso dos acontecimentos, mantendo de certo modo uma herança colonialista desenrolando em uma dinastia de ditadura (COTINGUIBA, 2014). Entretanto, o atraso no desenvolvimento social do Haiti não se deve somente aos governos ditatoriais e corruptos que o país enfrentou por muito tempo. Araújo (2015) afirma que a Teoria da Dependência seria parte da explicação para manutenção dos países periféricos.

A Teoria da Dependência é uma contradição à Teoria do Desenvolvimento, defendida por países dominantes e que se baseia no pressuposto de que países periféricos poderiam alcançar o desenvolvimento se seguissem o mesmo caminho de industrialização que os países centrais seguiram (ARAÚJO, 2015). Entretanto, a Teoria da Dependência afirma que a condição de desenvolvimento dos países centrais necessita da existência de países periféricos, uma vez que esses países em condição de subdesenvolvimento proveriam condições de manutenção dos países dominantes.

Apesar Haiti ter por muito tempo tentado seu desenvolvimento no capitalismo internacional através da acumulação primitiva do capital, o país atualmente depende completamente de ajudas internacionais, sendo que o país teve falência total da máquina estatal, além de ser o país mais pobre das Américas e com um dos piores índices de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo (ARAÚJO, 2015). Wooding e Moseley-Williams (2004) ainda afirmam que o Haiti é um dos países mais vulneráveis

do mundo aos impactos de furacões e tempestades tropicais, além de possuir instituições fracas e enfrentar um problema sério de pobreza entre seus habitantes. Todos esses aspectos de vulnerabilidade socioeconômica contribuem para o fenômeno da imigração.

Neste ponto é pertinente discutirmos o conceito de Diáspora Haitiana, que está atrelado à característica imigratória do povo haitiano em busca de melhores condições de vida. Segundo Ávila (2016), a diáspora haitiana teve seu primeiro momento de expressão no período em que forças militares dos Estados Unidos ocuparam o Haiti entre os anos de 1915 e 1943. Além disso, houve um aumento de imigração de haitianos para República Dominicana e Cuba para suprir a escassez de mão de obra em plantações de cana de açúcar, sendo imigrantes haitianos chamados popularmente de *braceros* nesses países (ÁVILA, 2016).

A imigração haitiana para República Dominicana ainda representa um importante fluxo para o Haiti, sendo que o seu processo é facilitado pela fronteira seca e pela fraca fiscalização da polícia da fronteira entre os países. Para Wooding e Moseley-Williams (2004), atualmente, a maioria da força de trabalho de imigrantes na República Dominicana é informal e descontrolada, sendo que esta relação histórica de imigração, já estabelecida há várias décadas, gerou os chamados “Haitianos-Dominicanos”, que são pessoas de descendência haitiana (segunda e terceira geração), mas que nasceram na República Dominicana.

Um fato importante de se destacar da história de imigração do Haiti foi que em 1937 o governo da República Dominicana mandou as forças militares assassinar milhares de haitianos que não tivessem documentos de identificação do país, sendo que as estimativas apontam que entre 1.000 e 30.000 haitianos foram mortos nesta ação (WOODING; MOSELEY-WILLIAMS, 2004). Além disso, Wooding e Moseley-Williams (2004) afirmam que o principal método de tentativa de identificação dos haitianos durante o movimento foi através das cores de pele e por seus sotaques, sendo que a fronteira da República Dominicana com o Haiti foi fechada para que os haitianos não escapassem dos militares.

Mesmo com essas desventuras históricas do Haiti com a imigração, no país a mobilidade é vista como um sinal de poder. Handerson (2015) nos mostra, em seu trabalho, que o termo diáspora é utilizado para demonstrar um comportamento, uma forma de viver, sendo que:

Estar com *diaspora*, significa ter a oportunidade de um dia partir *aletranje*. Além disso, a pessoa *diaspora* está associada à riqueza econômica, ao fato de ela poder proporcionar ao(à) companheiro(a), bens materiais, dinheiro, possibilidades de negócios etc. Do ponto de vista dos meus interlocutores, “sonhar um dia ser diaspora”, “partir ou viajar para ser diaspora” não é sinônimo de “abandonar”, de “deixar” o Haiti, mas sim, uma forma de estar em mobilidade e, por conseguinte, para ter *lavi miyò* (uma vida melhor)

(HANDERSON, 2015, p. 391)

Segundo Silva (2014), cerca de 90% dos emigrantes haitianos se encontra no continente americano e na região do Caribe, sendo que estes sujeitos emigrados são uma forte fonte de renda para seus familiares que estão no Haiti, uma vez que os imigrantes costumam a enviar remessas, sendo esta prática algo comum dentro da organização familiar haitiana. A partir de 1957, os destinos prediletos de imigrantes haitianos eram os Estados Unidos, França e Canadá, entretanto, a partir de setembro de 2001, estes países passaram a ser mais rigorosos em seu processo imigratório (MEJÍA, 2015).

O Haiti é o segundo país do mundo com maior taxa de emigração de pessoas com ensino superior, representando 75,1% do total de seus emigrantes, e as remessas internacionais de dinheiro enviado para o país, por seus emigrantes, representam 22,7% do seu PIB - Produto Interno Bruto (RATHA; EIGEN-ZUCCHI; PLAZA, 2016).

Para Mejía (2015), um quarto da população haitiana tem emigrado principalmente por causa de sua crise econômica, política e ambiental, que apesar de esforços de solidariedade e auxílio humanitário internacional, o país não tendo experienciado melhoras reais em suas condições de vida, uma vez que somente 20% de sua população é empregada, restando como alternativa à população a inserção dos mesmos em atividades vinculadas ao comércio e prestação de serviços, além do país contar com um terço de seu orçamento a partir de rendas enviadas por imigrantes haitianos estabelecidos em outros países.

Em um contexto atual, o Haiti também passou por grandes desventuras naturais. O terremoto de 2010 que assolou o país teve proporções devastadoras, sendo que se contabiliza que mais de 222 mil pessoas morreram no desastre, além de aproximadamente 300 mil pessoas terem se ferido e 3,5 milhões de pessoas foram afetadas de alguma forma pelo evento natural (GODOY, 2011). Se antes do terremoto era estimado que 55% dos haitianos vivam com menos de US\$1,25 por dia, 58% de sua

população não tinha acesso à água limpa e 38% de sua população acima de 15 anos era completamente analfabeta, a situação após o desastre se intensificou, uma vez que mais de 180 mil casas desabaram ou danificaram e cerca de 23% de todas escolas do Haiti foram afetadas pelo terremoto (GODOY, 2011).

O terremoto de 2010 foi um dos principais motivos para o início do fluxo intenso de imigração para o Brasil (ARAÚJO, 2015; FERNANDES, 2015; OLIVEIRA, 2015), sendo que em outubro do mesmo ano uma epidemia de cólera, que levou mais de 3.000 pessoas à óbito, agravou a situação do país, levando muitas pessoas a ter a migração como única opção para a subsistência (ARAÚJO, 2015)

Mejía (2015) também discorre que a inserção do Brasil entre os destinos principais para imigração de haitianos se deva ao contexto social na época do terremoto de 2010, uma vez que somente a facilidade em aquisição do visto humanitário não justificaria a vinda destes imigrantes, já que países como Argentina, Chile, Equador e Peru também oferecem tal modalidade de visto.

Possivelmente um dos fatores que incentivaram a imigração para o Brasil foi a imagem disseminada pela mídia na época de que o Brasil era um país próspero e de oportunidades, imagem essa reforçada pela presença militar brasileira no Haiti (MEJÍA, 2015). A presença militar brasileira se deu inicialmente como resultado de negociações entre a ONU e alguns atores internacionais em que se buscava criar uma força entre países para “assegurar a ordem e paz” no Haiti, sendo que o Brasil se voluntariou a participar da missão, assumindo o cargo de coordenação da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), em 30 de abril de 2004 (ARAÚJO, 2015). Fernandes (2015) afirma que a MINUSTAH foi uma das tentativas do Governo Brasileiro de ocupar um destaque no cenário internacional. Além disso, segundo Ávila (2016), o Brasil desde 2010, foi a nação que mais auxiliou a reconstrução do Haiti, por meio da cooperação com a ONU.

A imigração haitiana, do ponto de vista do Brasil, tem uma representação importante, já que desde a segunda Guerra Mundial o país não possuía um fluxo tão expressivo quantitativamente chegando ao país em situação irregular (FERNANDES, 2015). Esse fluxo novo fluxo migratório com destino a terras brasileiras ainda foi facilitado pela ajuda humanitária que o Brasil oferecia, havendo assim um acesso à empregabilidade em um momento inicial (OLIVEIRA, 2015). No início do fluxo algumas empresas das regiões Centro-Sul do Brasil passaram a buscar mão de obra de

sujeitos haitianos em instituições de acolhida no estado do Amazonas, sendo que a maioria dessas empresas oferecia postos de trabalho com baixa qualificação e arcavam com os gastos de transporte até as cidades onde os imigrantes passariam a morar e trabalhar.

O aparente aquecimento da economia brasileira se combinou com os fatores de repulsão de diversos países que se encontravam em crise e que conseqüentemente consideravam imigrantes como seres “indesejados”, sendo esses dois fatores impulsionadores ao surgimento e consolidação de fluxos imigratórios no Brasil (ARAÚJO, 2015). Mejía (2015) afirma que a imagem positiva criada nos haitianos acerca do Brasil e dos brasileiros foram desconstruídas ao se estabeleceram no país, uma vez que os haitianos passam a sofrer racismo e xenofobia, fora as dificuldades encontradas para conseguir empregos que desenvolvam suas habilidades e conhecimentos profissionais, dado que as empresas brasileiras costumam contratar os imigrantes haitianos para atuar em funções que brasileiros não querem em setores operacionais.

Ainda, o fluxo em questão contribuiu para que vários questionamentos, por parte da sociedade brasileira, fossem levantados, como a questão do “controle” das fronteiras do país e das políticas de imigração (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2014). Além disso, a sociedade também promoveu o discurso de que os imigrantes podem trazer doenças e que sua imigração em massa para o país representa uma forma de “invasão” para “tomar” os postos de trabalhos de brasileiros (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2014).

Neste ponto, cabe argumentar que a xenofobia com haitianos no Brasil está associada ao racismo, pois segundo Diehl (2016), a condição de imigrante não é um problema para população brasileira, já que por muitas vezes no dia a dia tal condição é algo exaltado em relação à sujeitos oriundos da Europa ou América do Norte. Neste caso, a xenofobia se manifesta na situação dos imigrantes haitianos como sujeitos possuidores de uma cultura diferente dos anfitriões dominantes (DIEHL, 2016).

Considerando apenas os aspectos culturais, o primeiro é que, o imigrante haitiano não foi escravo no Brasil, ele não passou por uma herança histórica de subjugação do seu ser e sua identidade, ao menos não como o negro brasileiro. Isto pode gerar ao dominador uma raiva, pois o mesmo não se submete à estas normas construídas historicamente, mas não ditas de maneira clara, logo, o imigrante

haitiano não “sabe o lugar dele”, por isso é alvo de preconceito contra agentes de um grupo que querem manter uma determinada visão de mundo vigente. (DIEHL, p. 18, 2016)

Segundo Diehl (2016), muitos cientistas naturais e a maior parte de cientistas sociais concordam que a concepção de raça é uma construção social, uma vez que o racismo pode ser compreendido através de elos físicos e culturais, em maior parte subjetivos, que são usados por um grupo étnico em seu processo de dominação de outro grupo étnico minoritário. Neste ponto se reafirma a importância desse estudo, uma vez que se acredita que o movimento migratório de haitianos no Brasil se deva ao desejo de estabelecimento futuro desses indivíduos no país de destino (FERNANDES; CASTRO, 2014). Tendo consciência de que estes sujeitos estão à procura de um território para que possam ter uma vida digna, o estudo e discussão de práticas de organização dos imigrantes ajuda a entender como ocorre a integração desses sujeitos à sociedade brasileira.

Neste ponto é importante mencionar o estudo de Tamer e Pozzetti (2013) que fez uma análise relacional entre a imigração haitiana e a criminalidade em Manaus – AM. Neste estudo foi constatado que em crimes de maior potencial ofensivo (roubos, furtos, tráfico, posse de entorpecentes, homicídios e latrocínios) não houve participação de haitianos como autores destes crimes, no recorte temporal analisado. Tamer e Pozzetti (2013) também afirmam que entre os 199 registros encontrados que envolviam haitianos, em 185 deles estes sujeitos aparecem como vítimas (93%). Pode-se concluir assim que imigrantes que estão em Manaus vieram para trabalhar, sendo sua maioria alheia à criminalidade (TAMER; POZZETTI, 2013).

Além de sua imagem influenciada pelo racismo, o imigrante haitiano sofreu e ainda sofre com a sua posição social inicial, pois sua entrada não estava classificada como refúgio ou migração, fato que acusa uma invisibilidade política desses indivíduos, cabendo o desenvolvimento de uma lei de refúgio moderna (VÉRAN; NOAL; FAINSTAT, 2014). Os haitianos, a partir de 2010, no momento que chegavam ao Brasil iniciavam o protocolo de pedido de refúgio na Polícia Federal, sendo que após o recebimento do protocolo os mesmos poderiam emitir o Cadastro de Pessoa Física (CPF) e Carteira de Trabalho, bem como obtinham autorização para permanecer em terras brasileiras pelo período de seis meses, até que o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) deliberasse uma posição em relação ao deferimento do pedido

(ARAÚJO, 2015). Ao entrar com o pedido de refúgio, os imigrantes haitianos alegavam que a entrada ao Brasil se deve pelas más condições de vida no Haiti e por se encontrarem impossibilitados de encontrar meios de subsistência após o terremoto (FERNANDES, 2015).

O campo das Relações Internacionais trabalha a existência do sujeito refugiado e segundo Thomaz (2015), o que possibilita a existência da categoria de refugiado não é particularmente o seu deslocamento por motivos que não envolvem sua vontade, mas sim o entendimento de que a vida política somente pode ocorrer em jurisdições territorializadas “mutualmente excludentes” (Estados soberanos). Sendo assim, a figura do refugiado, que não está presente na tríade de Estado-território-povo, por si só abala a legitimidade de um Estado capaz de prover a cidadania e humanidade aos sujeitos ali territorializados, uma vez os refugiados carecem do pertencimento à comunidade (THOMAZ, 2015).

Em relação ao processo de imigração haitiana para o Brasil, Fernandes (2016) aponta que em quase todos os casos o processo é o mesmo. Como já dito anteriormente, o fluxo teve início em fevereiro de 2010, quando imigrantes passaram a entrar através de pequenas cidades fronteiriças (ARAÚJO, 2015). Segundo Rodrigues e Marchese (2016), os haitianos que recorriam aos serviços de “coiotes” para chegar ao Brasil teriam que desembolsar entre US\$ 3.500,00 e US\$ 5.000,00, sendo que o caminho é arriscado e demorado, podendo durar entre duas semanas e três meses. As pessoas que utilizavam esse tipo de rota normalmente iniciavam seu caminho pela República Dominicana, de onde seguiam de avião ou navio para o Panamá e em seguida para o Equador (país onde não precisam de visto para entrar), sendo que a partir deste ponto os imigrantes continuavam o caminho de ônibus em direção ao Peru, em alguns casos Bolívia (RODRIGUES; MARCHESE, 2016). Ao chegarem próximos a fronteira estes sujeitos finalizavam suas viagens a pé, muitas vezes por dentro da floresta amazônica, atravessando rios e córregos locais, até adentrarem terras brasileiras, normalmente pelo estado do Acre (RODRIGUES; MARCHESE, 2016).

Para os sujeitos que optavam sair em grupos sem ações de “coiote”, a viagem possuía roteiro parecido, sendo iniciada em Porto Príncipe ou República Dominicana por companhias aéreas até Peru ou Equador e a partir desses locais os sujeitos continuavam via terrestre por meio de ônibus ou barcos até chegarem nos estados do Acre ou Amazonas (FERNANDES, 2015).

Araújo (2015) afirma que as pequenas cidades nas fronteiras são representações transitórias para maioria dos haitianos, uma vez que tais cidades não possuem ofertas suficientes de emprego para esses imigrantes. Essa entrada em massa nos municípios fronteiriços levou estes locais a decretarem situação de calamidade, uma vez que suas infraestruturas, já precárias, não eram capazes de atender os imigrantes com necessidades básicas mínimas, durante o período de espera pelo protocolo do pedido de refúgio (FERNANDES, 2015). Os imigrantes que conseguiam sair destas cidades fronteiriças, em grande maioria, ao chegar aos seus destinos acabavam por se inserir de forma precária no mercado de trabalho brasileiro, ocupando posições no ramo da construção civil, indústrias, metalúrgicas, entre outras, recebendo entre R\$600 e R\$800 reais por mês (OLIVEIRA, 2015). Sendo assim, estes sujeitos passam a sofrer uma nova forma de exploração, através da exploração de mão de obra por pessoas que se aproveitam da vulnerabilidade dos imigrantes para pagar salários abaixo do mínimo e/ou com situações análogas à escravidão, em alguns casos (OLIVEIRA, 2015).

A partir de 2014, quando houve uma diminuição da procura direta por mão de obra haitiana pelas empresas das regiões Centro-Sul do país, o governo do Acre subsidiou o transporte de haitianos para as regiões Sudeste e Sul do país, como forma de “dar vazão” a passagem desses sujeitos pelo estado (ARAÚJO, 2015). O governo do Acre afirmou que o estado era somente um território de passagem para os imigrantes, uma vez que o local se encontra na zona fronteira do Brasil, enquanto os imigrantes na época aceitaram o transporte pelo fato do Acre não possuir ofertas de emprego em condições satisfatórias (ARAÚJO, 2015). Para o governo do Acre, o Governo Federal se ausentou das responsabilidades em gerir o fluxo migratório de haitianos no Brasil, sendo assim o estado onerado pela imigração “não planejada” para seu território (ARAÚJO, 2015). Em nível nacional dados apontam que, em 2013, cerca de 26,2% dos imigrantes haitianos estavam desempregados e 2,6% trabalhavam por conta própria, entre os empregados com carteira assinada 66,8% exerciam trabalhos não compatíveis com suas habilitações (FERNANDES; CASTRO, 2014).

Neste momento, é possível visualizar o quão não preparado o país se encontrava no campo da imigração, exemplo disto é o Estatuto do Estrangeiro que esteve em vigor até o início de 2017. Segundo Ávila (2016), o Estatuto do Estrangeiro se relacionava a ideia clássica da “migração seletiva”, ideia em que os países selecionariam o tipo de imigrante “desejável ao país”. Ainda, o Estatuto restringia a participação política e

imigrantes no território nacional, direito este de “cidadania plena” que era reservado somente aos nacionais (ÁVILA, 2016).

Em 12 de janeiro de 2012 o Conselho Nacional de Imigração (CNIG) e o CONARE aprovaram, em reunião extraordinária, a Resolução Normativa número 97 de 2012, que permitiu a concessão de visto humanitário à imigrantes haitianos com duração de cinco anos, tendo cota de 1200 vistos ao ano (100 vistos mensais) para serem concedidos na Embaixada Brasileira de Porto Príncipe (FERNANDES; CASTRO, 2014; FERNANDES, 2015; RODRIGUES; MARCHESE, 2016; ARAÚJO, 2015). Tal ação foi mediada pelo Governo ao entender que a imigração não assistida poderia tomar proporções de crise humanitária nas cidades da fronteira, além de ser necessário ato que coibisse atuação de “coiotes” e de que era preciso dar a oportunidade de imigração segura e regular aos haitianos que desejassem imigrar para o país (FERNANDES, 2015).

A limitação de vistos concedidos humanitários representou uma dificuldade para haitianos, sendo que o Itamaraty justificou que a medida seria para evitar o escoamento de pessoas com ensino superior no Haiti, devido à importância desses indivíduos na reconstrução do país após o terremoto de 2010. Entretanto, Araújo (2015) afirma que essa imposição de cem vistos por mês se transformou em um grande desconforto institucional, já que parte da opinião pública nacional e internacional encarou essa medida como forma de restrição da entrada de imigrantes haitianos, sendo esta maquiada de política de acolhida. Diante disto, o CNIG decidiu pelo fim do limite de vistos em dezembro de 2012, sendo que a Casa Civil veio a oficializar a decisão no Diário Oficial da União no dia 29 de abril de 2013 (Araújo, 2015).

Segundo Fernandes (2015), em 2014 já haviam cerca de 32.000 imigrantes no Brasil, sendo 8.366 pessoas com autorizações concedidas pelo CNIG, 11.666 haitianos com visto concedidos por consulados brasileiros e cerca de 12.000 sujeitos com protocolo de refúgio emitido pelo Ministério da Justiça. Neste sentido, a presença do sujeito haitiano está sendo cada vez mais legitimada, como ocorrido no Ato Conjunto de Autorização de Permanência para Imigrantes Haitianos que ocorreu no dia 11 de novembro de 2015 no Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), ato este que concedeu permanência a mais 43.781 imigrantes haitianos que ingressaram no Brasil desde 2010.

Entretanto, Araújo (2015) afirma que apesar da imigração haitiana para o Brasil ser diplomaticamente aceita (sendo que foi criado um visto especial para sujeitos haitianos que desejam se estabelecer em terras brasileiras), é preciso resolver a incoerência do despreparo para recepção de imigrantes, englobando a acolhida e a inserção econômico-social.

Informalmente, alguns imigrantes fazem o uso de redes sociais por meio de suporte de amigos e familiares em seu estabelecimento no Brasil, muitas vezes indo diretamente para casa desses ao chegar (ARAÚJO, 2015). Há, neste sentido, uma grande importância destes vínculos sociais na pré emigração e no pós imigração, sendo que essas estruturas possuem valor estratégico de vínculos comunitários no processo de integração ao novo país (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2014).

Em seu estudo, Ávila (2016) percebeu que há uma forte presença de práticas comunicativas mediadas por tecnologias entre imigrantes haitianos. O teórico ainda afirma que é preciso analisar o quanto estes vínculos afetivos foram capazes de influenciar a decisão pela imigração.

A acessibilidade da internet e de suas ferramentas de conversação interpessoais ou grupais, como o aplicativo Whatsapp, tornam mais fáceis o entendimento sobre a realidade do país para o qual se pretende migrar [...] a imigração hoje pode ser influenciada fortemente por vínculos afetivos de amigos e familiares, que expõe sua opinião e contam sobre os novos espaços de ocupação, o que parece criar uma perspectiva de confiança muito mais forte do que as informações veiculadas apenas pelas mídias tradicionais. (ÁVILA, p. 142, 2016)

Neste ponto, cabe também trabalhar como os meios de comunicação trataram o sujeito haitiano em sua inserção no Brasil. Em seu estudo, Cogo e Silva (2016) afirmam que inicialmente as narrativas midiáticas tratavam sobre as fragilidades de políticas migratórias no Brasil frente à chegada dos haitianos. Entretanto, houve uma transformação do “enquadramento midiático” no período analisado pela teórica. Enquanto no início eram tratados principalmente a imigração haitiana no país, interpretada como “fuga” do Haiti e da “miséria”, posteriormente estes quadros foram substituídos por “invasão haitiana”, respaldando discursos que defendiam a necessidade de controle da entrada dos haitianos (COGO; SILVA, 2016). Cabe ressaltar que essa interpretação de “invasão” não era unânime, sendo que ela também foi usada para

questionar as políticas migratórias atuais, em prol de uma atualização (COGO; SILVA, 2016).

Em 18 de maio de 2017 foi aprovada pelo Senado a Lei de Migração, vindo a ser sancionada Lei Nº 13.445 em 24 de maio de 2017. A Lei de Migração veio para substituir o Estatuto do Estrangeiro, elaborado durante o Regime Militar. A Lei da Migração foi um marco em prol dos Direitos Humanos, em contrapartida da tendência atual de diversos países do mundo. Fica estabelecido nesta lei que o visto de residência poderá ser concedido para acolhida humanitária e que o migrante terá acesso “a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social” (Lei de Migração, Art. 3º, Inciso XI). Sendo assim, o direito de imigração do sujeito haitiano está assegurado em forma de lei atualmente, não mais por meio de Resolução Normativa.

Um ponto importante de colocarmos é que o Brasil encerrou suas operações diretas no Haiti no dia 15 de outubro com o fim da MINUSTAH. A decisão pelo fim da missão foi tomada através de resolução definida pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 12 de abril de 2017.

Neste ponto, encerramos a parte teórica do trabalho, partindo para a dimensão empírica do trabalho. Esta seção sobre o sujeito haitiano no Brasil nos permitiu visualizar como o fluxo imigratório se intensificou e como ele está constantemente em adaptação. Com este embasamento teórico poderemos expor dos nossos caminhos metodológicos adotados para o contato direto com o sujeito de pesquisa e, assim, analisarmos os achados do campo.

### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Neste trabalho, a estratégia empírica que adotamos foi a de natureza qualitativa, e seu uso justifica-se pelo intuito de tentar compreender e explicar um fenômeno social, que no caso é como se dão as práticas de organização de imigrantes sob uma perspectiva processual. Quanto aos fins, o trabalho é descritivo e explicativo, uma vez que já possui debates sobre a imigração haitiana, mas que buscamos explicar como ocorre o fenômeno das práticas de organização da imigração haitiana no Brasil. Para

atingir esse fim, utilizamos as técnicas de observação e de entrevista para produção de material empírico. Os tipos de técnicas, em específico foram Observação Participante e história de vida.

Em relação ao corte temporal, esta pesquisa se enquadra como seccional com perspectiva longitudinal, uma vez que ela foi conduzida em um determinado momento, mas buscamos resgatar informações de períodos passados, com foco na caracterização do fenômeno no momento da coleta (VIEIRA, 2004).

Como este trabalho tem como nível de análise a organização, o âmbito de pesquisa inicialmente parte de um aspecto predominantemente macro (sociedade e organizações), para o nível micro (indivíduo) por meio da observação participante. Em um segundo momento a técnica de entrevistas de história de vida nos possibilitou uma análise do indivíduo para coletividade. Neste percurso, ao tentar obter o princípio explicativo de como funciona a organização de imigrantes, utilizamos a premissa de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) de que a captação da lógica objetiva de uma organização é o que possibilita explicar as atitudes, opiniões e aspirações de seus envolvidos.

Buscamos entender como ocorre o modo de organização dos sujeitos haitianos na condição de imigrante no Brasil, e, portanto, a pesquisa qualitativa nos permitiu ir ao campo captar o fenômeno a partir das perspectivas das pessoas nele envolvidas (GODOY, 1995). O intuito na coleta empírica deste trabalho é buscar compreender as experiências vividas no processo organizativo dos sujeitos pesquisados, tendo sempre em mente que nenhum método é capaz de coletar todas as variações da experiência humana continuada, porém os indivíduos conseguem oferecer relatos de suas ações (DENZIN; LINCOLN, 2006).

O recorte geográfico escolhido foi a Região Metropolitana de Goiânia por destacar como os haitianos tem se organizado na região Centro-Oeste brasileira. De acordo com a Lei Complementar número 27 de 30 de dezembro de 1999, a Região Metropolitana de Goiânia engloba onze municípios, sendo eles: Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Goiânia, Goianópolis, Goianira, Hidrolândia, Nerópolis, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo e Trindade.

Antes de iniciar esta pesquisa, soubemos da existência de duas comunidades de imigrantes haitianos na Região Metropolitana de Goiânia, através da mídia online, que fez cobertura de algumas de suas atividades. As cidades assumem neste ponto a figura

do nome próprio, através da construção do espaço em uma quantidade limitada de propriedades inter-relacionadas e estáveis, compondo, assim, as práticas organizadoras de uma cidade habitada (CERTEAU, 2008).

A descrição preliminar desses meios de comunicação é a de que haveria uma comunidade com cerca de 300 sujeitos em Aparecida de Goiânia, cidade fronteira a Goiânia, e que uma segunda comunidade em Goiânia contaria com a presença de cerca de 200 sujeitos. Entretanto, neste momento, nossa preocupação era de que estes sujeitos da região pudessem ter emigrado em grande quantidade, uma vez que, com o agravamento da crise econômica e política após o “Golpe de 2016<sup>7</sup>”, muitos haitianos iniciaram um fluxo de imigração para os Estados Unidos<sup>8</sup>.

Para buscar um primeiro acesso ao campo e, conseqüentemente, poder descobrir a atual dimensão de manifestação do fenômeno da imigração de sujeitos haitianos na RMG, buscamos uma porta de entrada do campo dentro da própria universidade. Foi neste momento que descobrimos que havia um trabalho de mapeamento destes sujeitos sendo conduzido por alguns pesquisadores da Universidade Federal de Goiás. Entramos em contato com a professora responsável e recebemos o contato do Pastor Ali<sup>9</sup>, pessoa responsável pela Igreja Metodista Expansul, principal ponto de encontro dos haitianos da comunidade.

Até este momento optamos por narrar o trabalho na primeira pessoa do plural, por acreditar que a dissertação como um todo foi uma construção conjunta do mestrando com sua orientadora, entretanto, durante a narrativa do campo será

---

<sup>7</sup> O autor principal deste trabalho considera o “Impeachment” da presidente do Brasil democraticamente eleita, Dilma Rousseff, como um golpe parlamentar. Entretanto, por uma questão de escopo de pesquisa, optamos por não adentrar nesta discussão neste trabalho.

<sup>8</sup> Muitos meios de comunicação passaram a noticiar um processo de emigração em massa de haitianos para outros países, como os EUA, em uma tentativa de fugir da crise. Em uma matéria de outubro de 2016 a versão online do El País narra esse processo como “A odisseia dos haitianos que deixam o Brasil em crise com destino aos EUA”. Ainda assim, em 21 de novembro de 2017 o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou o fim do asilo temporário para haitianos, asilo este concedido pelo Presidente Barack Obama em 2010 e que abrigou cerca de 50 mil haitianos nos EUA.

Acesso: 10/11/2017.

[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/26/internacional/1477437223\\_933130.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/26/internacional/1477437223_933130.html)

Acesso: 17/12/2017

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/11/1936898-governo-trump-anuncia-fim-de-asilo-temporario-para-haitianos.shtml>

<sup>9</sup> Todos os nomes dos sujeitos de campo foram alterados para que garantíssemos seu anonimato.

empregada a primeira pessoa do singular, pois a coleta do material empírico foi realizada exclusivamente pelo mestrando. Após, durante a análise dos resultados, empregaremos novamente a primeira pessoa do plural.

Simultaneamente às tentativas iniciais de contato dentro da instituição de ensino, entrei em contato com o Serviço Pastoral do Imigrante de Goiânia, que possui sede na Rodoviária Interestadual de Goiânia, enviando um e-mail que explicava minha pesquisa. Prontamente tive meu contato respondido pela Irmã Maria, que me convidou para participar da reunião do Grupo IR, ocasião que seria tratado sobre o retorno das atividades com os haitianos. Esta reunião ocorreria no sábado próximo pela manhã, na casa do Pastor Ali.

A partir deste momento empenhei esforços para conversar com o Pastor, pois o mesmo provavelmente seria nosso facilitador de entrada ao campo, uma vez que o seu contato já havia sido indicado pelos pesquisadores da UFG e seu nome aparecia em notícias sobre a comunidade. Tal procedimento foi um dos primeiros passos no processo de observação participante, sendo atribuído por DeWalt e DeWalt (2011) como a identificação de líderes locais e organizações que representam a comunidade à qual a pesquisa se insere, os tomando como “porteiros do campo”. Neste caso, pode ser considerado que os “porteiros do campo” são o Pastor Ali e o Grupo IR.

O Grupo IR se trata de um grupo de pessoas de diferentes religiões que desde outubro de 2015, sob organização de Irmã Maria e o Pastor Ali, atua de forma voluntária em atividades de auxílio aos imigrantes do Estado de Goiás. O foco principal do grupo é amparar sujeitos haitianos estabelecidos na Região Metropolitana de Goiás, no entanto, eles também prestam auxílio à refugiados (majoritariamente sírios e venezuelanos).

Portanto, dia 05 de agosto de 2017 tive minha primeira incursão ao campo para participar do encontro. Nesta ocasião fui calorosamente recebido pelos membros do Grupo. Logo na chegada todos me cumprimentaram e me explicaram como era o funcionamento do Grupo, dando foco no caráter voluntário e de reunião de membros de diferentes religiões interessados no assistencialismo de imigrantes. Nesta ocasião também organizaram um café de manhã de confraternização, momento em que pude me socializar com o Grupo.

Vim a descobrir que o Pastor Ali é um pastor haitiano em missão pela Igreja Metodista no Brasil. Seu trabalho é realizar suporte aos imigrantes haitianos de Goiás,

sendo que a Igreja Metodista ajuda em sua subsistência para que ele possa se dedicar integralmente às necessidades destes imigrantes. Seu local e residência, e lar de aproximadamente 300 haitianos é o Expansul, setor localizado ao lado da BR-153, em Aparecida de Goiânia.

O número aproximado de haitianos no Setor Expansul foi fornecido pelo Pastor Ali, sendo que é estimada a presença de aproximadamente 1.000 haitianos em Aparecida de Goiânia e 3.500 no estado de Goiás. Ressaltamos que há uma dificuldade de se realizar um cálculo preciso de quantos haitianos habitam a região, uma vez que muitos haitianos ainda estão envolvidos em fluxos migratórios em busca de oportunidades de trabalho.

Durante essa primeira reunião, que contava com a presença de 13 pessoas, me apresentei como mestrando e expliquei novamente minha pesquisa. Durante todo o percorrer da reunião houve uma ótima receptividade por parte dos membros, sendo que constantemente, durante os assuntos da pauta, algum membro buscava me explicar sobre o que estava sendo tratado. Fui informado sobre a existência da segunda maior comunidade da RMG, que conta com aproximadamente 280 imigrantes no Setor Jardim Guanabara em Goiânia.

Após a reunião pude conversar com o Pastor Ali e combinei de participar no dia seguinte do o culto da igreja, evento semanal em que normalmente participam 140 haitianos, segundo o pastor. Aproveitei ainda o momento para pegar contato da responsável pela comunidade do Jardim Guanabara e marquei minhas próximas visitas ao campo.

Conversando com os outros membros do grupo pude receber conselhos em relação à aproximação dos haitianos, sendo informado que esses sujeitos são, em geral, tímidos e não costumam aceitar participar de entrevistas para trabalhos acadêmicos em uma abordagem mais direta. Vários dos participantes do grupo concordaram em me apresentar aos imigrantes em minhas primeiras visitas.

Tendo este primeiro contato com o campo, pude iniciar minha participação em suas atividades diárias, tendo foco principalmente nos momentos de interações dos sujeitos haitianos. Ao todo, realizei 18 visitas ao campo, entre os meses de agosto e novembro de 2017, participando de cultos das igrejas das duas comunidades, reuniões do Grupo IR, formaturas dos cursos profissionalizantes nas duas comunidades, casamento de um membro da Comunidade Guanabara, festa de despedida de uma

haitiana que estava emigrando, aulas de português nas duas comunidades e um dia de rotina na casa de uma família da comunidade Expansul.

Nas primeiras visitas ao campo procuramos imigrantes haitianos que estivessem dispostos a ser entrevistados, entretanto, eles constantemente diziam que fariam em outra ocasião, pois estavam sem tempo. É preciso se atentar que, segundo Silva et al. (2007), é preciso o desejo do informante de contar sobre sua vida para que a técnica de história de vida possa ser aplicada.

A partir daí optamos por focar nossa ação observações participantes, que segundo DeWalt e DeWalt (2011), consistem em o pesquisador fazer parte em atividades diárias do sujeito de pesquisa, bem como participar de seus rituais, interações e evento de grupos de pessoas como forma de aprender os aspectos tácitos e explícitos em suas rotinas cotidianas e sua cultura. As observações participantes, segundo DeWalt e DeWalt (2011), apresentam imenso valor ao trabalho em condição de pesquisa cultural, sendo assim importante fator para se obter resultados que favoreçam a análise da imigração como prática. DeWalt e DeWalt (2011) acreditam que todas as pessoas são participantes e observadores em seu cotidiano, pensamento esse que se aproxima do conceito de prática trabalhada por Certeau (2008).

Cavedon (2014) nos põe que o trabalho de campo demanda uma continuidade, sendo assim estabelecida a proximidade entre os pesquisadores e os pesquisados. Empenhei então visitas constantes e alternadas entre as duas comunidades para que eu estabelecesse laços. Na Comunidade Expansul constantemente eu me sentia deslocado, como se fosse um intruso em um país estrangeiro. Os haitianos tocavam suas atividades diárias e permitiam que eu os observasse, mas nossa interação não fluía muito além das observações. A Comunidade Guanabara, a qual tive contato posterior à Comunidade Expansul, me surpreendeu, uma vez vários sujeitos vinham conversar comigo, perguntando de minha vida e contando de suas vidas. Logo fui convidado a participar de atividades culturais, como o casamento de um dos membros da igreja e almoço de despedida de uma imigrante que estava para sair do Brasil.

Com o fortalecimento dos meus laços com os haitianos, principalmente da Comunidade Guanabara, tive três confirmações principais que me permitiriam novamente abordar os sujeitos para que eu os pudesse entrevistar. Eu precisava realizar as entrevistas para complementar as informações acerca do processo migratório destes

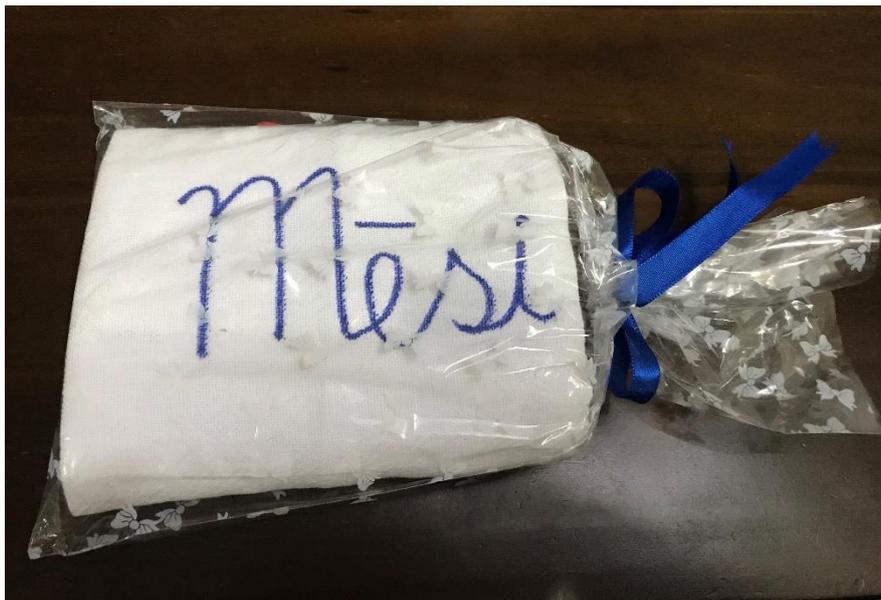
sujeitos, uma vez que somente a observação participante não me fornecia acesso às suas histórias idiossincráticas.

O primeiro sinal, que me abriu margem para as entrevistas, foi quando uma das membras mais ativas da Comunidade Guanabara me disse: depois que você terminar seu trabalho, não abandone a gente, a gente gosta de sua presença aqui. Tal comportamento encontra respaldo teórico por Cavedon (2014), uma vez que a teórica afirma que as intensificações dos contatos entre os componentes da pesquisa podem resultar em cobrança de assiduidade pelos informantes. Estas manifestações demonstram nossa aceitação em campo, mostrando o quão integrado já estamos à realidade cultural pesquisada (CAVEDON, 2014).

A segunda confirmação foi quando alguns haitianos passaram a me pedir meu número de celular, sendo que estes começaram a mandar mensagens durante a semana perguntando como eu estava (por parte sujeitos da Comunidade Guanabara), ou pedindo para que eu os ajudasse a entrar em universidades brasileiras (por parte de sujeitos da Comunidade Expansul). Estas manifestações puderam demonstrar qual papel me foi atribuído pelos pesquisados (CAVEDON, 2014). Aparentemente a Comunidade Expansul me passou a tomar como um representante da universidade, enquanto a Comunidade Guanabara me tomou como parte da comunidade. Esta confirmação em relação à Comunidade Guanabara foi acentuada quando durante um culto me questionaram de não estar com a bíblia, tendo eu que providenciar uma para a participação do culto na semana seguinte.

A terceira confirmação foi quando a Comunidade Guanabara me presenteou com um pano de prato em que estava bordado *Mèsi Anpil*, que significa “muito obrigado” em Crioulo Haitiano (Figura 1). A partir deste momento eu pude retomar a busca por sujeitos que aceitassem ser entrevistados. Segundo Silva et al. (2007), a história de vida é um método que tem como característica principal a preocupação com o vínculo entre os pesquisadores e o sujeito de pesquisa. A escolha dos sujeitos é feita a partir das relações desenvolvidas no campo, com a devida autorização dos informantes, sendo que a medida que a confiança e o vínculo são estabelecidos, a técnica se desenvolve, simbolizando a interlocução (SILVA et al., 2007).

Figura 1: Presente da Comunidade Guanabara



Fonte: Pesquisa (2017).

Segundo Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2010), a técnica de história de vida é caracterizada pela percepção do passado como algo contínuo no hoje, partindo do pressuposto de que o passado não está acabado. Consideramos essa etapa da produção de material empírico importante, uma vez que o método de história de vida dissocia da “história oficial” (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2010).

Para Silva et al. (2007), o ato de contar sua vida permite ao sujeito que ele fale do processo por ele vivido, sendo que este processo é fortemente relacionado à conjuntura social ao qual o sujeito está inserido. A técnica de história de vida com os haitianos que se estabeleceram na Região Metropolitana de Goiânia possibilitou estudar o impacto da interação social sobre as crenças e decisões dos indivíduos (MARCONI; LAKATOS, 2002), aspecto importante a ser trabalhado, uma vez que Certeau (2008) afirma que sujeitos sociais podem constituir lugares e pertencer à determinados lugares. Segundo Certeau (2008), a narrativa das práticas seria uma forma de fazer textualmente, sendo que o discurso em formato de histórias auxiliaria a entender como as maneiras fazem a construção de um lugar.

Para o desenvolvimento da estratégia de história de vida, nós planejávamos utilizar roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE I), inicialmente composto por perguntas. A escolha do roteiro auxiliaria o direcionamento das perguntas, uma vez que ao mesmo tempo que a técnica buscava manter níveis teóricos de análise, ela também permitiria flexibilidade ao entrevistador para formular e ordenar as perguntas durante a

entrevista (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2010). Entretanto, precisamos adaptar o roteiro para tópicos (com exemplos de pergunta), uma vez que a língua se mostrou uma dificuldade para condução da pesquisa. Apesar dos pesquisadores falarem francês, muitos dos haitianos não tinham domínio do francês e nem do português, sendo assim a condução da entrevista dificultada pela barreira linguística. No início das entrevistas eles se mostravam inseguros na fala, mas conforme seu relato de vida era apresentado, a entrevista fluía.

No quadro abaixo apresentamos as características dos entrevistados:

**Quadro 2 – Características dos Entrevistados**

Entrevistado	Gênero	Profissão no Brasil	Idade	Comunidade	Estado Civil	Tempo no Brasil
1 - Fabienne	Feminino	Desempregada	19	Expansul	Solteira	8 meses
2 - Joel	Masculino	Carregador	38	Expansul	Casado	2 anos
3 - Cedric	Masculino	Auxiliar de Gráfica	23	Guanabara	Casado	1 ano
4 - Benjamin	Masculino	Carregador	32	Guanabara	Casado	4 anos
5 - Adonia	Feminino	Seleção de Frutas	31	Guanabara	Casada	3 anos

Fonte: da pesquisa (2017).

Para Barros e Lopes (2014), as histórias de vida implicam uma complexidade devido à sua característica de permitir o acesso pela realidade interior do narrador, sendo que a técnica recoloca o sujeito na dimensão concreta da sua experiência, ocupando o lugar de centro da cena. Para garantir a validade das técnicas empregadas, procuramos realizar a técnica de triangulação (OLIVEIRA; PICCININI, 2009). A triangulação teve o intuito de combinar o êmico (o que acontece no campo), o ético (a experiência do pesquisador no campo) e o teórico (teorização da mobilidade como prática social), procurando, assim, firmar a confiabilidade na pesquisa qualitativa.

O momento de afastamento do campo foi decidido primeiramente pelo tempo limitado para condução da pesquisa e em segundo ponto pelo momento em que o estranho passou a se tornar familiar. Cavedon (2014) nos coloca que a partir de um certo ponto a vivência em campo passa a não evidenciar novidades, podendo este efeito ser a

partir da intensidade que estamos aculturados, resultando na incapacidade de enxergarmos mais novidades.

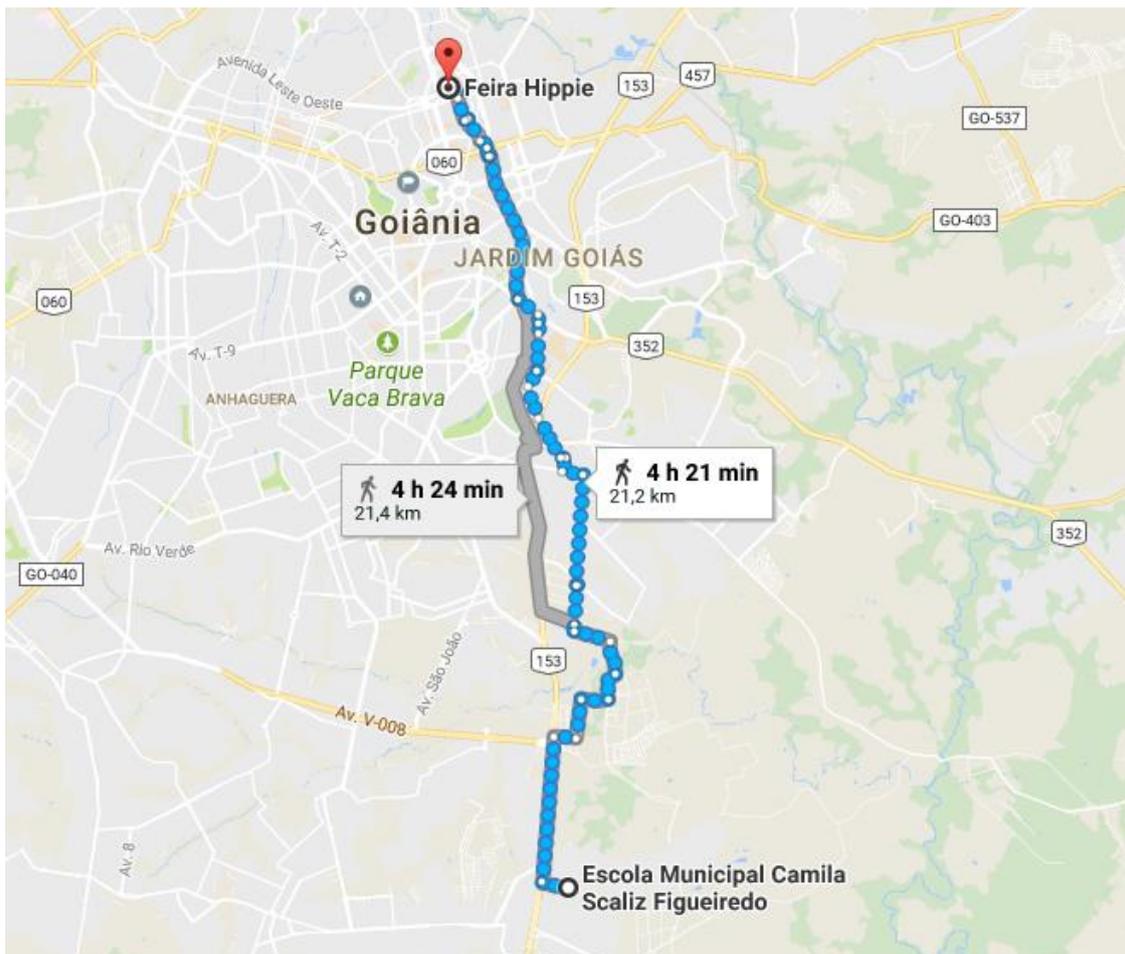
Quando iniciei o processo de afastamento, precisei explicar para os sujeitos que eu passaria um tempo sem os visitar para que pudéssemos realizar as análises do material já coletado. Nas primeiras duas semanas tive dificuldade em não voltar ao campo, algumas vezes escutando músicas dos cultos em casa e vídeos obtidos durante a pesquisa quando pensava nos sujeitos de pesquisa. Cavedon (2014) nos mostra que o afastamento pode não ser uma situação fácil, uma vez que durante o tempo de atuação em campo laços afetivos são construídos, unindo os pesquisadores ao universo da pesquisa para além do termino propriamente dito.

Por fim, após a etapa de entrevistas e observações participantes, realizamos a análises do material empírico coletado através do entendimento do fenômeno de forma compreensiva interpretativa. A análise interpretativa buscou o entendimento, através da interpretação, dos significados, propostas e intenções que as pessoas dão às suas próprias ações e interações com os outros (SMITH, 2008). Como apoio à interpretação dos resultados foram utilizados diários de campo e tomadas de fotos e vídeos dos momentos interacionais. Cavedon (2014) nos mostra que os aspectos de cunho pessoal do pesquisador podem ser registrados em diários de campo, auxiliando, assim, futuramente as reflexões e compreensão de modo ético, por parte dos pesquisadores.

#### **4 CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL**

Nesta seção do trabalho, em que nos concentraremos em analisar os achados do campo, realizaremos no texto uma tentativa de metaforizar a jornada do sujeito haitiano em seu processo migratório enquanto “caminhos” percorridos. Nossa decisão por abordar a análise dessa forma foi desencadeada pela descoberta de que alguns imigrantes haitianos da Comunidade Expansul percorrem a pé, durante os finais de semana, uma distância de quase 43 quilômetros por dia de trabalho, trechos de ida e volta, para exercer atividades laborais na Feira Hippie de Goiânia.

Figura 2 – Rota de deslocamento para Feira Hippie



Fonte: Adaptado do Google Maps, 2017

A Feira Hippie é uma feira especial que tradicionalmente ocorria todos os domingos na Praça do Trabalhador, próxima à Rodoviária Interestadual de Goiânia, mas que atualmente acontece das sextas aos domingos. Alguns haitianos encontram nesta feira uma forma alternativa de subsistência, em resposta ao desemprego, atuando principalmente de duas formas: empregados “avulsos”, recebendo de outros feirantes por dia trabalhado ou como empreendedores informais, comercializando suas mercadorias como ambulantes.

Os imigrantes que necessitam recorrer a essas atividades vivenciam uma situação existencial ambivalente, já que de um lado, eles representam o caminhante inumerável (CERTEAU, 1998), que se encontra nos limites urbanos, local de moradia do homem ordinário (CERTEAU, 2008), mas que por outro lado, estes sujeitos podem considerados meros observadores (CERTEAU, 1998), dada sua característica de pessoas não territorializadas, posicionados como observadores à distância dos espaços urbanos locais.

A afirmação de que imigrantes haitianos são pessoas desprovidas de territorialidade se embasa pelo discurso do campo das Relações Internacionais sobre soberania estatal (THOMAZ, 2015). Apesar do Brasil estar avançando no sentido de legitimação de imigrantes, muitos imigrantes haitianos ainda possuem status de refugiados aos olhos do Estado, como o caso do sujeito entrevistado Joel, que em sua entrevista afirmou que está impossibilitado de buscar seus filhos no Haiti por ainda estar com a permissão de refúgio, a espera de que o Governo lhe dê Visto Humanitário e assim regularize sua situação de imigrante.

“Para mim, eu tenho um problema, para mim. Eu vem aqui no Brasil 2015. Agora não tem identidade. Só tá preciso a Federal dar meu identidade. Se não tem identidade não pode largar Brasil. Tem pessoa que tem o visto e vem para cá. Todas as pessoas tem a identidade. Eu refugio. Eu não tem” (Joel, setembro de 2017).

Este impasse legal faz com que os imigrantes haitianos nesta situação fiquem marginalizados em relação às suas “subjetividades políticas” e limitam seu direito de cidadania dentro do território brasileiro (THOMAZ, 2015). Neste sentido, as comunidades de imigrantes nos bairros periféricos da Região Metropolitana de Goiânia representam o local de ação social situada (CLEGG; HARDY, 1996), compondo assim nosso nível de investigação, organizações (ALCADIPANI; TURETA, 2008).

Afirmar que as comunidades de imigrantes haitianos representam organizações sociais significa reconhecer que elas compõem espaços onde o sujeito empírico realiza suas interações recíprocas, envolvidas de processo social, compondo o campo organizacional (CLEGG; HARDY, 1996). As comunidades, portanto, seriam os locais onde os imigrantes podem exercer, de forma mais plena, sua produção sociocultural e manifestar suas práticas através de suas coexistências cotidianas (CERTEAU, 2008).

Cabe ressaltar que ao afirmarmos que o sujeito haitiano não possui território e possui o papel de observadores não os anulam enquanto sujeitos performantes dos espaços sociais da RMG, mas significa que eles constantemente fazem parte das práticas estratégias, uma vez que suas atividades estão desprovidas de um próprio (CERTEAU, 2008). Tal afirmação é respaldada pelo fato de que quando conversamos

sobre os imigrantes haitianos com os sujeitos locais, os goianos, comumente escutamos o discurso de “aqui tem demais”. O ato de dos cidadãos territorializados assumirem o tom de excesso ao se referir dos sujeitos haitianos demonstra uma visão de transgressão de seus lugares específicos (CERTEAU, 2008).

Em contrapartida, as comunidades dos imigrantes haitianos, isoladas geograficamente, possuem um campo aberto para sua produção social de lugar (CRESSWELL, 2005). São nessas comunidades que assumem o sentido de “lar” para os haitianos, havendo a apropriação do local através da produção do sentimento de apego, resultando em centros de significados e campos de cuidados (CRESSWELL, 2005). Em suas comunidades, os imigrantes assumem mais intensamente seu papel de homem ordinário (CERTEAU, 2008).

Além disso, a vulnerabilidade socioeconômica dos imigrantes haitianos por si só limita o espaço onde ocorre o consumo do sistema (CERTEAU, 2008), pois sua limitação de recursos financeiros o impossibilita de fazer uso de ferramentas cotidianas, como o transporte público, além de terem limitado acesso aos postos de trabalho, parte operacional dos setores de produção (CERTEAU, 2008), devido ao desemprego ocasionado pela crise político/econômica que o Brasil enfrenta. Neste ponto podemos afirmar que esses imigrantes possuem dificuldades socialmente estabelecidas até para assumirem o papel do homem ordinário e ainda assim, o sujeito haitiano está envolvido pelo cotidiano, enquanto aquilo que os oprime em seu dia a dia, não tendo escolha a não ser a de aceitar sua posição pré-estabelecida (CERTEAU, 2008).

Nos próximos tópicos do trabalho apresentaremos os caminhos percorridos pelos imigrantes em sua jornada existencial através de cinco principais práticas identificadas no material empírico produzido: Práticas de Caminho; Práticas Econômicas e de Trabalho; Práticas de Coabitação; Práticas de Cuidados; e Práticas de Religião.

#### 4.1 “ABRA O CAMINHO DOS PASSOS, O CAMINHO DO OLHAR”<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> A partir deste ponto, todos os títulos dos resultados e da análise deste trabalho são trechos da música do Criolo, chamada “Fio de Prumo – Padê Onã” (Anexo 1). Tomamos essa escolha em uma tentativa de promover um encontro simbólico das tradições africanas do Haiti e do Brasil por meio de práticas culturais. Por isso, nós abrimos as análises pedindo para que os caminhos sejam abertos, assim, como é uma saudação para Exú no Candomblé. Neste item, trataremos as Práticas de Caminhos, ou seja, os deslocamentos dos imigrantes haitianos.

Este primeiro ponto da análise apresentará os três caminhos iniciais percorridos pelos sujeitos haitianos em sua jornada pela imigração. O primeiro caminho corresponde à mobilidade internacional entre o Haiti e os lugares por onde esses sujeitos passaram até chegarem a terras brasileiras. O segundo caminho corresponde ao percurso dentro do território do Brasil até o estabelecimento na Região Metropolitana de Goiânia. O terceiro caminho diz respeito a sua mobilidade diária em suas atividades laborais e de lazer.

Ao assumirmos os deslocamentos dos imigrantes haitianos enquanto prática de caminho, nós levamos em conta o conceito da imigração como prática, abordada por Cresswell (2006). Neste sentido, de que a mobilidade é praticada, experimentada e corporificada, o sujeito experimenta a mobilidade enquanto uma forma de se conectar aos significados produzidos ao ato de imigrar (CRESSWELL, 2006). Segundo Handerson (2015), o principal significado atribuído à imigração pela sociedade haitiana é de que pessoas que “optaram pela diáspora” são portadores de um status de poder, uma vez que a imigração está associada a melhora da situação econômica do sujeito.

Portanto, apresentaremos os sentidos envolvidos no processo imigratório nos próximos sub tópicos por meio das práticas de caminho em âmbito internacional, nacional e pendular, de acordo com as três formas básicas de imigração descritas por Cresswell (2006). Através dos resultados e análises expostos nesta seção, esperamos mostrar, condizente com o afirmado por Cresswell (2006), que a prática da mobilidade é uma forma de estar no mundo, sendo que a mobilidade humana é uma experiência irreduzivelmente incorporada.

#### 4.1.1 “ABRA CAMINHO TRANQUILO PARA EU PASSAR”: DO HAITI AO BRASIL

“Meu pai e minha mãe deixa país 2010, para ir lá na Venezuela. Eu ficou no Haiti, eu, minha irmã e meu irmão. Depois que eu terminar meu estudo, minha mãe vem me buscar. E estou aqui” (Fabienne, setembro de 2017).

Essencialmente este trabalho tem o foco inicial na imigração internacional, uma vez que realizamos a análise de imigrantes haitianos no Brasil. A imigração internacional, enquanto deslocamento entre diferentes Estados Nacionais

(CRESSWELL, 2006), possui um estereótipo representado pela mídia de que os sujeitos que a praticam são uma forma de “sugadores” de serviços estatais (CRESSWELL; MERRIMAN, 2010). Os reflexos deste imaginário repassado ao popular podem ser vistos através das políticas que buscam restringir a entrada de sujeitos “não desejáveis” (ARAÚJO, 2015) em países hegemônicos. Neste contexto, essa visão de que os imigrantes possuem uma motivação meramente voltada para o econômico e político negligencia a construção histórica e do sujeito haitiano, uma vez que ela desconsidera a diversidade dos haitianos que assumem a posição de imigrantes (CRESSWELL; MERRIMAN, 2010).

Esse processo se caracteriza pela tentativa de silenciamento dos sujeitos sociais, uma vez que os colocam em uma condição de submissão frente aos determinantes estruturais da sociedade. Para além das questões estruturantes, existe a necessidade de reconhecer como estes sujeitos produzem seus caminhos de deslocamentos e trajetórias que, por vezes, tem relação com elementos e práticas culturais que conectam diferentes espaços sociais:

“Por que o Brasil? Porque nesse momento o Brasil foi o mais fácil. Ai, antes de decidir, eu pesquisou informações pela internet para ver como é esse país. Pedi informações com meus primos que vivem lá no São Paulo e tá fazendo estudo também de Engenharia Civil, ele é muito inteligente. Ai, ele falou como que funciona esse país, tudo isso e depois eu decidi vir para cá. Mas antes, quando eu foi menino, pequeno, um dia eu me sinto assim, eu falou: eu queria, eu gostaria visitar o Brasil. Você sabe por que? Porque lá no Haiti a maioria do povo de Haiti gosta a seleção de futebol do Brasil. Aí é por isso que a gente tem um tipo de coração muito perto dos brasileiros. Entendeu?” (Cedric, setembro de 2017).

Para o entendimento da imigração haitiana enquanto fenômeno, levamos em conta a afirmação de Cresswell (2010) de que ao tomar a decisão de mobilidade o sujeito haitiano estaria sujeito às amarras geográficas e sociais, incorporando através de práticas o processo de experimentação do mundo, criando espaços e histórias. É possível visualizar as amarras impostas a estes sujeitos durante o seu processo decisório pela imigração internacional, uma vez que as conjunturas sociais estabelecidas no local de origem, o Haiti, no local de destino, o Brasil, e as demais estruturas de países para

quais os haitianos poderiam imigrar, influenciaram o direcionamento do fluxo imigratório.

“Minha vida não tá muito perfeita não, porque às vezes eu sai lá no Haiti eu passa muita dificuldade para chegar aqui. Aqui quando eu cheguei minha vida não tá igual não, porque eu trabaei, graças à Deus eu come todo dia. As coisas tá melhor pouco. Quando eu comecei a crescer minha mãe falou pra mim, pra eu poder terminar meu estudo né, mas quando chegou o momento eu decidi não estudar mais, ai eu fui na escola profissional, aí eu comecei trabaei trabaei e depois eu saí no Haiti, eu entrei no país República Dominicana, eu trabaei lá também. Depois eu entrei aqui no Brasil. Por que eu vem aqui no Brasil? Pra procura uma vida normal, uma vida melhor, né” (Benjamin, setembro de 2017).

A prática de deslocamento internacional, neste caso em específico, pode ser classificada como uma prática tática, dentro das formalidades da prática. A prática tática segundo Certeau (2008) não capitaliza a temporalidade e não estabelece um lugar próprio para ação, permitindo, assim, a mobilidade a improvisação. O próprio, conforme apresentado anteriormente por Certeau (2008) como o vencimento do lugar sobre o tempo, representa neste caso o campo em que o haitiano pode manifestar um próprio querer e poder. O momento em que um haitiano decide pela imigração, o mesmo está realizando uma forma de transgressão ao seu cotidiano.

A transgressão é constituída através da demarcação e da ação da travessia de limites. O imigrante haitiano é visto como delinquente em sua prática de deslocamento internacional ao realizar um processo imigratório de forma não legitimada pelo país que o recebe. Até recentemente o Brasil possuía uma política que não reconhecia, em forma de lei, a imigração por razões humanitárias que não fosse o refúgio, mas devido a fragilidade do controle do Estado sobre suas fronteiras o país se tornou um destino viável aos imigrantes haitianos. Realizando essa imigração de forma ilegal, o sujeito haitiano assume a posição de transgressor ao performar o deslocamento entre territórios onde há a existência do privilégio social somente aos seus cidadãos (CERTEAU, 2008).

Além do exposto, a movimento é composto pela espacialização do tempo e pela temporização do espaço, em que há uma composição da experiência humana sobre o mundo (CRESSWELL, 2006). Em sua história, o Haiti passou por várias desventuras

que o levou a se tornar um país de emigração, sendo que alguns países do continente americano formaram parte da experiência da imigração haitiana como territórios de destino. Neste ponto, este trabalho revalidou o achado de outros pesquisadores em relação ao trajeto para imigração internacional haitiana, sendo que três dos nossos cinco entrevistados (Benjamin, Joel e Adonia) foram imigrantes em outros países (República Dominicana e Nicarágua) antes de chegarem a terras brasileiras.

“Eu vim a Nicarágua. Depois eu vem aqui a Brasil, eu vim buscar trabalho, fazer estudo, eu não tem chance de trabalhar e ir a escola. Eu só fazer trabalho, muito difícil. Eu vem de avião para outro país, para o Ecuador. E do Ecuador eu vem para cá pra ônibus” (Joel, setembro de 2017).

“Quando eu morava lá no Haiti, quando fui menino, meu idade não trabalhava e foi muito pouco idade para trabalhar, mas foi porque eu namora, eu comecei a namora, já outra vida, aí a gente foi, decidi, já mudou de lugar. A gente morava na República Dominicana faz muito tempo, mora lá e foi assim, o resto da minha história do Haiti. Eu fui um tempo no Haiti, o resto foi lá na República Dominicana” (Adonia, setembro de 2017).

Os países da América Latina foram polos de recebimento dos imigrantes haitiano ao longo da história, fazendo parte da Diáspora Haitiana (ÁVILA, 2016), principalmente pela facilidade de acesso, tanto na questão de deslocamento quanto no processo de entrada. Tais experiências prévias foram constatadas durante a produção de material empírico, quando alguns dos imigrantes na impossibilidade de falar português recorriam ao inglês e espanhol para se fazerem inteligíveis ao pesquisador.

Quanto ao processo de imigração, podemos perceber que os sujeitos pertencentes à região passaram por caminhos semelhantes aos narrados por Fernandes (2015) e Araújo (2015) em seus trabalhos. Tanto Adonia quanto Benjamin inicialmente saíram via transporte aéreo até o Equador e após prosseguiram seus caminhos via terrestre, até chegar na região norte do Brasil. Um ponto interessante de se ressaltar é que o percurso do deslocamento dentro da América do Sul foi realizado sem um planejamento prévio, sendo relatado por eles que os mesmos perguntavam, durante o caminho, sobre qual direção eles deveriam tomar para chegar ao Brasil.

Eu saí do Haiti pro Equador, aí quando chegou Equador, nós sempre fez um grupo, alguém que não tinha visto vem com um grupo de ônibus né. Aí na caminho a gente pergunta, aí eles informa a gente chegou no Acre, sem sabe, só pergunta mesmo” (Benjamin, setembro de 2017).

Figura 3: Rotas Internacionais dos Entrevistados



Fonte: Adaptado do Google Maps

Entretanto, um diferencial que se coloca neste momento é o de que agora o fluxo migratório para o Brasil passa por uma mudança estrutural, uma vez que dos cinco entrevistados, dois vieram de forma legal (Fabienne e Cedric), tendo a autorização para imigração legal previamente adquirida no Haiti. Esses dois casos encontrados em entrevistas se pluralizam em forma de ocorrência, uma vez que Fabienne veio com seu irmão, ambos já com os vistos, para encontrar seus pais que já estavam em terras

brasileiras há dois anos, enquanto Cedric tomou a decisão de imigrar com sua noiva e ambos foram recebidos em casa de parentes já estabelecidos no Brasil. No caso do Cedric, o mesmo apresenta o desejo de se fixar no Brasil e trazer sua família, uma vez que ele vê melhores perspectivas de alcançar suas ambições pessoais.

“Porque eu acho que, graças a Deus, eu vou conseguir arrumar um emprego melhor e estudar aqui no Goiânia, porque eu estou muito confortável aqui no Goiânia. Mas o que eu gosta aqui no Brasil é o carinho, o monte, a capacidade de generosidade, que os brasileiros têm. Acho que é melhor pra mim. Sim, eu quero ficar, eu gostaria de ficar. Acho que Deus vai me ajudar para conseguir meu sonho aqui no Brasil. Tem muitas pessoas que deixam o Haiti e nunca voltam lá, porque é ruim. Mas minha família graças a Deus vai de boa, eu pedi para Deus para me ajudar, porque meu sonho é poder trazer todo mundo para cá, aqui no Brasil” (Cedric, setembro de 2017).

No entanto, cabe ressaltarmos que o caminho internacional dos imigrantes haitianos não está acabado. Durante a pesquisa tivemos conhecimento de uma família de haitianos que estava imigrando para a Guiana Francesa, para encontrar seus parentes que ali vivem. Nas entrevistas foi possível perceber que apesar de estarem estabilizados aqui, os haitianos ainda sentem receios do seu futuro no Brasil, uma vez que são imigrantes.

“Eu to aqui até que Deus, a vontade de Deus, aqui como não é país da gente. Qualquer momento a gente pode decidir voltar. Eu já fui, foi de visita. Mas até que a gente tá trabalhando, a gente tá tranquilo” (Adonia, setembro de 2017)

Essa insegurança gerada pelo seu status de imigrante reforça o sentido de não territorialização destes sujeitos dentro do espaço geográfico brasileiro. Com efeito, a prática da imigração dos haitianos não ocorre somente para o Brasil, mas, também, dentro do país como forma de produzir ou encontrar um local no qual essa insegurança seja amenizada em termos econômicos, políticos ou culturais, o que será discutido na próxima subseção deste trabalho.

#### 4.1.2 “DOBRA A FORÇA DOS BRAÇOS”, VOU CAMINHAR PELO BRASIL

“Eu fui lá na Santa Catarina. Ai quando chegou lá não pode encontrar serviço. Ai eu deixa Santa Catarina e vem para cá” (Joel, setembro de 2017).

Neste tópico trataremos o caminho que os imigrantes haitianos percorrem dentro do Brasil até se estabelecerem na RMG. A migração nacional é a segunda forma básica de migração, segundo Cresswell (2006), que consiste na mobilidade interna dentro do território de um país. Quatro dos sujeitos entrevistados (Adonia, Joel, Cedric e Benjamin) realizaram esse caminho dentro do Brasil. Em geral, os imigrantes estiveram em outras cidades, normalmente em regiões fronteiriças, antes à RMG, alguns sendo recebidos por amigos ou parentes, mas acabaram emigrando novamente em busca de melhores oportunidades. Segundo Araújo (2015), os imigrantes haitianos tinham as cidades nas fronteiras do Brasil como representações transitórias, uma vez que as pequenas cidades das regiões fronteiriças não possuíam espaço suficiente no mercado de trabalho local para inserir a quantidade de imigrantes que passaram chegar após 2010. Outro motivo pelo caminho percorrido em território nacional é para se juntar a parentes que estão em outros estados.

“Eu entrei pro Acre. Saí de Acre, eu fiquei um ano Porto Velho, sabe que Porto Velho fica lá mesmo, né? Aí depois Porto Velho eu vem aqui de ônibus. Quando eu tava lá no Porto Velho, meu tio tava aqui no Goiânia, aí eu sempre conversei com ele. Aí ele dá informação pra mim. Eu vem junto. Eu vem aqui, aí encontrei ele. Aí nós fica juntos, mora aqui Goiânia” (Benjamin, setembro de 2017).

No que diz respeito aos deslocamentos internos do Brasil, foi possível perceber, com conversas informais durante as observações participantes, que a maioria dos imigrantes haitianos passaram por outras regiões do país antes de se estabelecerem na Região Metropolitana de Goiânia. De modo geral, os imigrantes ao chegarem no Brasil se direcionavam às regiões norte, sudeste e sul do país, sendo que nessas duas primeiras normalmente estes sujeitos possuíam contatos que já estavam estabelecidos e que os recebiam e ofereciam apoio durante as primeiras semanas, até que encontrassem emprego e/ou arranjasse outro local para morar. Ávila (2016) relata em seu estudo que a decisão pela imigração tem forte ligação com seus vínculos afetivos, uma vez que os

imigrantes realizam práticas comunicativas entre seus amigos e familiares durante o processo, mediadas principalmente através de tecnologias.

No caso da região sul, o relato é de que estes estados apareciam no imaginário popular, tanto de brasileiros quanto para os haitianos, como lugares de promissores no sentido econômico.

Figura 4: Rotas de Deslocamento Nacional



Fonte: Adaptado de IBGE (2002)

“Por que Goiânia? Porque eu tenho meus amigos que vive lá, ele falou como é Goiânia, como é o trabalho, tudo isso, aí eu decidi de vir para cá” (Cedric, setembro de 2017).

Sendo assim, as práticas comunicativas se associam às práticas de mobilidade especialmente no caminho nacional, uma vez que durante a decisão pela imigração internacional, os entrevistados relataram tomar a decisão principalmente por causa do

imaginário construído no Haiti sobre o Brasil, ainda que a presença de amigos e familiares no país também influencie. Já para imigração nacional, os laços afetivos estiveram mais presentes, muitas vezes propiciando que os haitianos realizassem a mobilidade com perspectivas de empregos previamente arranjados por seus conhecidos.

“Eu trabalhava, morava em Porto Velho e aí eu comecei a trabalhar, eu tinha uma pessoa mais perto da gente amizade, ela me ligou e aí eu consegui um trabalho e aí eu vim, morar mais eles, aí a gente tá aqui até agora” (Adonia, setembro de 2017).

Uma outra explicação para que esses imigrantes tenham feito o uso da imigração nacional está na questão de fronteiras. Cresswell (2005) e Certeau (2008) abordam a delimitação de fronteiras enquanto limites, envolvendo um território em um “lugar apropriado”, entretanto, no caso dos haitianos, uma vez dentro do território brasileiro essa fronteira se torna mais facilmente traspassável. Ao conseguirem protocolar o pedido de refúgio, os primeiros imigrantes obtinham permissão para a expedição do Cadastro de Pessoa Física (CPF) e a Carteira de Trabalho (ARAÚJO, 2015), podendo assim transitar legalmente dentro do território brasileiro dentro do período de deferimento do pedido.

Além do exposto, um atrativo da Região Metropolitana de Goiânia para esses imigrantes foi o crescimento da comunidade de imigrantes na região, sendo relatado por alguns haitianos que o fato de haver um local com cultos passados em Crioulo e de poderem morar perto do trabalho (no caso da Comunidade Guanabara) representa um grande diferencial. Tal valoração dessas especificidades se deve pela igreja possuir um grande valor simbólico para os sujeitos haitianos, uma vez que aumenta sua sensação de acolhimento.

#### 4.1.3 “MUROS DE CONCRETO INFETO”: A CAMINHO DO TRABALHO E DO LAZER

“Não tinha tempo pra gente andar, porque trabalho já pega todo tempo né? Aí só no domingo mesmo. Sábado eu trabaie o dia todo, no domingo também eu vai para igreja, só pra de tarde, só, não tem tempo pra pode andar” (Bejamin, setembro de 2017).

Esse terceiro caminho corresponde à mobilidade entre cidades, sendo a mobilidade pendular a terceira e última forma básica de imigração apontada por Cresswell (2006), em que há o deslocamento durante o dia para que realizem suas atividades profissionais e estudantis em outras cidades. Neste caso, realizamos uma expansão da teoria de modo que esta englobe também os deslocamentos com fins de lazer.

A opção por enquadrar os deslocamentos para lazer como migração pendular se deve pelo fato das duas comunidades haitianas da RMG se encontrarem em regiões periféricas das cidades, não restando assim muitas opções de lazer para seus dias de folga do trabalho. Ainda, como Cresswell (2006) afirma, a mobilidade também pode ser manifestada através de outras formas, como andar, dançar, correr, fazer exercícios, mudar de casa ou viajar.

Do ponto de vista da migração pendular para objetivos de trabalho, muitos haitianos, principalmente da Comunidade Expansul, necessitam se deslocar para outras cidades para encontrarem maiores opções. Em geral, nas duas comunidades, o uso de bicicletas é muito comum, sendo que é possível ver constantemente estes sujeitos transitando por bicicleta pela BR-153.

Figura 5: BR-153 sentido Aparecida de Goiânia



Fonte: Pesquisa 2017

No caso dos sujeitos que se deslocam para exercer atividades laborais na Feira Hippie de Goiânia, a mobilidade é feita principalmente por meio da caminhada, uma vez que estes sujeitos se encontram desempregados e seus rendimentos obtidos por meio de atividades informais não oferecem valor suficiente para o uso de transporte público.

Certeau (2008) afirma que a atividade de caminhada é caracterizada pela falta de lugar e faz parte do processo indefinido de existir e estar procurando um próprio. Os imigrantes ao realizarem seus percursos de caminhada em direção ao local de suas atividades financeiras estão dotados de sentido indefinido de sua existência. Além disso, o caminho lhe propicia grande insegurança física, uma vez que boa parte do trecho também é percorrido pela BR-153, caminhando entre os gramados que dividem as vias, embaixo de sol durante a ida e pela escuridão durante o retorno aos seus lares à noite.

Este processo de caminhada ainda pode ser classificado como um movimento furtivo de modo que se contesta a territorialização do espaço urbano (CERTEAU, 2008). Isto se dá devido ao posicionamento de suas comunidades em lugares periféricos, locais onde encontraram um espaço acessível e que é longe das fontes de

poder econômico das cidades. Podemos, portanto, considerar estes sujeitos heróis/heroínas devido as suas rotas, que os tornam nômades, uma vez que suas práticas de deslocamento criticam o modelo das divisões seguras e classificações dos poderosos, criticando, assim, também a sua dominação (CERTEAU, 2008).

Quanto a mobilidade com fins de lazer, um dos nossos principais achados é que os haitianos preferem não se deslocar para outros pontos das cidades quando possuem tempo livre. Tal decisão se deve principalmente por suas árduas rotinas de trabalho, por sua limitação financeira e por causa da violência urbana da RMG.

A violência representa um paradoxo, uma vez que há uma inversão de representações. Ao mesmo tempo que os imigrantes negros são vistos como transgressores e no imaginário brasileiro representam perigo, uma vez que se estabelecem um espaço que “não é deles”, os imigrantes ocupam uma posição de dupla vulnerabilidade.

Essa condição duplamente vulnerável se deve por esses imigrantes além de serem desterritorizados, em uma situação de riqueza não compartilhada entre os habitantes do país, estes sujeitos acabam por dividir a violência com os nacionais. Tais condições de violência compartilhada estão relacionadas à questão estrutural da cidade, em que as massas localizadas em zonas periféricas estão mais expostas à violência urbana.

“Não gosto de passear. Exemplo, passear é uma coisa muito complicada, porque quem não tiver um carro, eu vou trabalhar o dia todo e chegar em casa cansada vou pagar um ônibus pra mim passear. Acho difícil. E assim, se eu chega do trabalho, da igreja, da igreja para casa, se tiver uma pessoa doente, uma visita, mais importante. Mas sair de casa assim, se não tiver pra igreja, pro trabalho, a gente não vai” (Adonia, setembro de 2017).

“O sábado como hoje eu vou lá no Flamboyant. Eu esperar ônibus no ponto, tem ladrão passar e tira fuzil e assalta. Mas tem muito brasileiro que é muito bom. Tem pouquinho que faz isso” (Joel, setembro de 2017).

Sendo assim, suas atividades de lazer se concentram em outras práticas cotidianas que são capazes de realizar produções sem a dominação de tempo (CERTEAU, 2008), como visitar seus amigos que moram próximos ou frequentar a igreja, sendo que a igreja é considerada pelos imigrantes como sua principal fonte de

lazer. Em grande parte, caminhar pela cidade significa, para os haitianos, caminhar em direção ao trabalho.

#### 4.2 “E A DOBRA DO DORSO DO OPERÁRIO NA RUA”<sup>11</sup>

“Quando eu vem a Brasil, passo 7 meses sem trabalho. Depois de 7 meses eu encontrou serviço e agora tem um ano e 4 mês. Lá eu fazer carregamento. Lá é carregamento. Ele pagar e eu carrega” (Joel, setembro de 2017).

O caminho a ser apresentado agora engloba em parte uma mobilidade intercidades, sendo que o movimento ocorre como parte do processo que objetiva a subsistência. Apesar das práticas econômicas não serem o ponto único motivador pela mobilidade internacional de haitianos, o âmbito financeiro tem um forte impacto em suas vidas. Segundo Araújo (2015), o Haiti é um país fortemente dependente de ajudas internacionais e contém um dos piores índices de IDH do mundo. Cerca de um quarto da população haitiana tem emigrado em busca de melhores situações de vida, fato este agravado pela escassez de empregos que o país enfrenta (MEJÍA, 2015). Além do exposto, o Haiti é o segundo país do mundo com maior taxa de emigração de pessoas com ensino superior, representando 75,1% do total de seus emigrantes, sendo que as remessas internacionais de dinheiro enviado para o país, por seus emigrantes, representam 22,7% do seu PIB - Produto Interno Bruto (ARAÚJO, 2015).

Tal informação sobre o alto índice de emigração de haitianos mais qualificados foi compatível com os achados do campo. Dentre os nossos sujeitos entrevistados, dois deles trabalhavam como professores no Haiti antes de sua emigração.

“Foi professor. Eu passei um ano e meio lá, nessa área de ensinar pessoas, porque sonho meu, objetivo é de ensinar povo. É meu sonho também, de ser professor” (Cedric, setembro de 2017).

“Lá no Haiti eu estava professor. Professor de ciência, biológica, matemática, geográfico” (Joel, setembro de 2017).

---

<sup>11</sup> Esta seção diz respeito às práticas econômicas e de trabalho.

Entretanto, ao chegar no Brasil os imigrantes haitianos ocupam, em sua maioria, funções que exigem baixa qualificação, recebendo normalmente menores salários. Segundo Oliveira (2015), os sujeitos ao ingressarem no mercado de trabalho brasileiro se inserem normalmente em posições no ramo da construção civil, indústrias, metalúrgicas, entre outras, recebendo entre R\$600 e R\$800 reais por mês, sendo que muitos desses sujeitos sofrem exploração de mão de obra por pessoas que se aproveitam da vulnerabilidade dos imigrantes para pagar salários abaixo do mínimo e/ou com situações análogas à escravidão, em alguns casos.

Tudo vai dar certo, mas a coisa que faz mal comigo é pagamento. Não dá para mim. Quando eu foi lá para fazer entrevista a gente falou que ele vai assinar minha carteira 1050, mesmo assim a gente vai fazer o desconto, eu posso ficar com o dinheiro de salário mínimo. Mesmo assina minha carteira 1050 e agora estou procurando para fazer outro serviço. Às vezes caiu 700. Difícil viu” (Cedric, setembro de 2017).

Tais situações de exploração de mão de obra condizem com as práticas estratégicas apresentadas por Certeau (2008), em que há o isolamento de sujeitos de saber e poder, havendo, portanto, a criação de lugares próprios onde se possam gerir relações com uma exterioridade de alvos. Ainda assim, os imigrantes acabam por ter como única solução a aceitação de suas posições laborais, uma vez que encontrar outro emprego é uma tarefa árdua no momento atual da econômica brasileira.

Uma situação agravante para os haitianos é quando os mesmos precisam enviar remessas internacionais para seus filhos, sendo que muitos também estão juntando dinheiro para que possam trazer seus parentes para o Brasil.

“Pra mim, só dinheiro tá pouco. Só dinheiro tá pouco e meu esposa também que não pode encontrar serviço. Isso está grande grande dificuldade para mim. Se ela não pode encontrar serviço isso vai dar problema. Eu preciso dinheiro para enviar para filho também” (Joel, setembro de 2017).

Durante as primeiras visitas do pesquisador ao campo, em três situações sujeitos haitianos o abordaram para pedir que os ajudasse a encontrar emprego, havendo outras duas situações em que pediram que ajudassem conhecidos seus a encontrar emprego. Através das observações participantes e das entrevistas foi possível perceber que o

capital social entre sujeitos haitianos em suas comunidades representa um importante componente das práticas econômicas.

“É assim, meu amigo lá me falou: tem uma pessoa lá que está precisando de uma pessoa para trabalhar numa gráfica. Ele falou assim e depois ele mandar o telefone dele, eu falo com ele e depois eu fui para lá para fazer entrevista com ele” (Cedric, setembro de 2017).

“A primeira vez que eu saí no Porto Velho, eu cheguei aqui eu acho que passei, talvez duas semana. Duas semana procurando. Aí tem uma senhora que trabalha empresa. Eu fui lá procurando. Meu tio trabalha com ela. Aí meu primo apresentou. Meu tio apresentou a ela. Ela não tinha vaga. Aí ela me levou naquela empresa. Empresa me aceitou, aí eu to trabalhando até hoje. Ela mesmo, ela mesma que conversou com o dono do trabalho” (Benjamin, setembro de 2017).

No caso dos sujeitos entrevistados, quatro deles possuem empregos formais, sendo estes também enquadrados dentro das práticas estratégicas, uma vez que nelas há a manipulação de relações de forças possibilitadas a partir do momento em que um sujeito de querer e de poder pode ser isolado, além de se postular a estratégia como um lugar em que pode ser demarcado como algo próprio, passível de gerir relações através da exteriorização de alvos ou ameaças (CERTEAU, 2008).

No entanto, a ocupação de postos de trabalhos voltados para empregos mais braçais faz com que alguns haitianos se sintam insatisfeito com suas posições, uma vez que não veem perspectivas de crescimento. Em alguns casos há também o desejo de poder estudar, mas suas rotinas pesadas, que muitas vezes demandam o trabalho noturno, os exaurem.

“Para mim, graças a Deus, daqui três meses aqui no Brasil eu conseguiu arrumar emprego. O primeiro emprego que eu fiz foi lá no CEASA, foi carregar, mas depois eu não sinto o meu estomago bem, porque este trabalho não dá para mim e também meus colegas me falou: você tem capacidade para arrumar outro emprego. Você muito inteligente, você fala outras línguas, você tem que arrumar outro emprego” (Sheldon, setembro de 2017).

Este resultado nos mostra que os imigrantes haitianos acabam por ter de ocupar posições de trabalho menos valorizadas, sendo que sua alta taxa de “fuga de cérebros”

contribui em sua insatisfação, por não poderem ocupar posições equivalentes às que ocupavam no Haiti, além de não possuírem possibilidades de desenvolvimento de suas habilidades.

Essa relação dos haitianos com o trabalho no Brasil destaca, também, como está estruturado o mercado de trabalho no país. Ainda que esses sujeitos sejam qualificados do ponto de vista técnico para exercer outras funções que não as operacionais, é esse o lugar (CERTEAU, 2008) destinado a eles. É preciso então relacionar a categoria social imigrante com outras categorias sociais para a compreensão desse processo. Conforme destaca Diehl (2016), apesar de os brasileiros desenvolverem uma empatia em relação aos estrangeiros, esse processo ocorre quando os mesmos são originários, predominantemente, da Europa ou da América do Norte. Em relação aos Latinos, essa empatia dos brasileiros é desconstruída e quando relacionada a categoria raça, pois os haitianos são negros em sua grande maioria, a condição de imigrante negro se torna mais um desafio para essa população no mercado de trabalho brasileiro.

Uma das formas de amenizar esses determinantes estruturais do mercado de trabalho brasileiro e a formação de laços sociais e afetivos entre esses sujeitos sociais que possibilite maior chance de conseguir um emprego, mas, também, de reduzir as despesas para sobreviver. Para isso, muitos dos haitianos praticam a coabitação, o que será discutido a seguir.

#### 4.3 “O QUE FAREMOS, ENTÃO? SEM PROVOCAR ALARDE”<sup>12</sup>

“Eu moro com minha esposa, duas amigas. Você sabe porque eu moro com essas duas amigas? Porque elas não tem marido, esposo, aí elas não podem pagar o aluguel sozinha. Então ela me falou: você pode me ajudar? Ajudar porque tinha um que não trabalhava antes e agora está trabalhando e mesmo assim pagamento é pouco, mas ajuda nós para contribuir, para pagar aluguel, entendeu? Então nós 4 mora num barracão” (Cedric, setembro de 2017).

O caminho que narraremos agora é um deslocamento intracomunidades. Em relação às práticas de habitação dos imigrantes, essa tipologia identificada se encaixa no

---

<sup>12</sup> Esta seção trata das práticas de coabitação.

que Certeau (2008) chama de práticas cotidianas capazes de realizar produções sem a dominação do tempo. Um ponto interessante de se focar nas práticas de habitação é de que elas envolvem uma série de outras práticas que também não fazem a dominação do tempo, como conversar, cozinhar ou assistir televisão (CERTEAU, 2008).

Para conceituar este processo, tomamos como coabitação quando sujeitos dividem uma morada, podendo eles serem conhecidos entre si ou não. É importante ressaltar a possibilidade de estes sujeitos não serem conhecidos entre si, pois no período de observação participante encontramos haitianos que dividiam casa com pessoas que eles não conheciam anteriormente, tendo em comum somente a nacionalidade. Mais à frente, nas práticas de cuidados, trataremos a questão do auxílio de pessoas não conhecidas.

Voltando ao assunto deste tópico, encontramos, no período de campo, evidências apontando que em ambas comunidades há prática de coabitar entre sujeitos haitianos. Entre nossos sujeitos entrevistados, dois deles realizam práticas de coabitação atualmente (Joel e Cedric), sendo que outros dois também já praticaram a coabitação antes de conseguirem se manter sozinhos.

“Só que quando eu cheguei aqui meu tio tava com um quartinho bem pequenininho, eu cheguei com minha esposa, meu irmão. Nós quatro. Fiquei mais de um mês no quartinho. Mas depois que consegui serviço eu mudei. Só isso, porque nós quatro fica assim numa quartinho só, porque quase não tem espaço pra gente né” (Benjamin, setembro de 2017).

Os dois casos principais de coabitação que encontramos foi: recebimento de parente ou amigo em sua cidade; e a divisão de moradia para partilhar as contas. O primeiro tipo se apresenta como um período temporário, sendo que dos nossos sujeitos entrevistados, Benjamin e Adonia mudaram da casa de seus parentes/amigos no momento que obtiveram um emprego e puderam custear suas próprias casas. Nesse sentido, a força laboral de sujeitos casados possibilita o acúmulo de fundos suficientes para manter uma casa individual para o núcleo familiar.

Já no caso de coabitação para divisão de custos, o tempo de duração é indefinido, podendo perdurar por muito mais tempo. Ainda, sujeitos solteiros normalmente preferem dividir casas pois deste modo é possível enviar mais dinheiro para seus parentes no Haiti. Além disto, a divisão de casa com outro haitiano passa a

sensação de segurança, uma vez que estes sujeitos normalmente se encontram desamparados no Brasil.

“Ele mora juntos porque não tem dinheiro para mora sozinho e ajudar me a pagar aluguel, para ele poder pagar. Eu trabalho. Aí aluguel 400. Energia 130. Eternet também. Muito dinheiro. Ele morar comigo para ajudar” (Joel, setembro de 2017).

Em uma das incursões no campo o pesquisador pode conversar com um haitiano que dividia casa com outro haitiano, que segundo ele não era seu amigo, para partilharem os custos. Este sujeito narrou que apesar de não conversarem muito e terem muita liberdade dentro de casa, havia uma única regra que regia sua coabitação: toda vez que um deles fosse sair para algum lugar que não fosse o trabalho eles deveriam avisar o outro aonde estavam indo, uma vez que, caso a pessoa não voltasse, o outro poderia o procurar.

Este caso se encaixa com o defendido por Certeau (2008), de que as relações são sempre sociais e que em cada individualidade opera uma pluralidade incoerente dentro de suas determinações relacionais. Podemos, ainda, afirmar que as práticas de coabitação, neste sentido, compõem parte das práticas táticas, dado que não há o objetivo de totalizar o outro, tendo a ausência de poder em sua manifestação e ocorrendo “golpe por golpe”.

Essa dimensão tática da coabitação, conforme discutimos anteriormente, tem uma dimensão de reconhecimento do “outro” por meio do cuidado. Essa prática não tem por objetivo delimitar espaço para produzir lugares em casa, mas de reduzir fronteiras ao colocar os sujeitos no mesmo contexto social, o de imigrante haitiano.

#### 4.4 “VIDA REAL DESSA FILOSOFIA”: CUIDADO DE SI E DOS “OUTROS”<sup>13</sup>

“Com amizade daqui? Fala, precisa deles, exemplo, tudo conhecido, é uma família. A gente precisa dele, a gente liga. Fazer ligação, liga para saber como que passou o dia, se tiver alguma coisa a gente sabe” (Adonia, setembro de 2017).

---

<sup>13</sup> Esta seção diz respeito às práticas de cuidado.

Este caminho também faz parte das práticas que se manifestam em âmbito intracomunidades, uma vez que o deslocamento se concentra no espaço geográfico do bairro onde estes sujeitos haitianos estão concentrados. Em uma aproximação teórica realizada anteriormente, entre Certeau (2008) e Cresswell (2006), reforçamos a ideia da imigração poder ser prática de produção de espaços e lugares sociais, levando em conta que o processo de mobilidade socioespacial destaca as diferentes formas de organização dos sujeitos sociais. Sendo assim, as comunidades de imigrantes que estudamos são produções socioespaciais do fenômeno da imigração haitiana no Brasil. Tal delineamento é importante ressaltar, pois neste tópico abordamos que nas práticas de organização dos sujeitos haitianos há a construção de comunidades de imigrantes que são legitimadas pela mídia, pelos sujeitos haitianos, pelos grupos de amparo e pelas governanças locais.

Dentro dessas comunidades há especificidades em suas práticas de organização que as diferem de outras organizações. Uma especificidade muito importante encontrada é que os sujeitos de pesquisa têm em seu cotidiano a prática de cuidado de outros haitianos.

“A gente não tem né, mas a gente dá um jeito. Porque tem vez chega alguma coisa na igreja, e a gente se tiver alguma pessoa que tiver trabalhando, a gente tira dessa pessoa que trabalhando e dá para essa pessoa que não tá trabalhando. Porque, exemplo, a maioria que tá aqui tem uma família, exemplo, eu tenho uma família, mas a gente dá um jeito até que ele conseguiu trabalha” (Adonia, setembro de 2017).

A prática de cuidado foi possível perceber em diversas formas de manifestação. Sua principal forma é o auxílio que estes imigrantes prestam aos seus parentes e amigos quando estes chegam em sua região, podendo esta ajuda envolver as práticas de coabitação e práticas econômicas. A outra forma de auxílio ocorre quando há um haitiano que esteja passando dificuldades, conforme narrado pela Adonia em sua entrevista. Entre os imigrantes haitianos há um forte sentimento de coletividade e mesmo que eles não sejam conhecidos há um empenho, em nível da comunidade, para auxiliar os que necessitam.

Durante o período de campo foi encontrado que os sujeitos que trabalham na Feira Hippie deixam seus filhos com outros membros da comunidade que estão de folga ou desempregados, para que estes os cuidem. Ao mesmo tempo, há uma rede de auxílio

intracomunidades em que esses sujeitos auxiliam os recém-chegados através de doações itens já usados. Neste ponto, o Grupo IR me explicou que no início das atividades do grupo em 2015 o foco de sua atuação era em medidas assistenciais, como doação de roupas e comidas, entretanto, com a estabilização desses sujeitos à sociedade brasileira o panorama mudou, tendo o papel de assistência de novos imigrantes assumidos pelos haitianos veteranos. Associado à essa troca de funções Grupo IR passou a focar suas ações em profissionalização dos haitianos, para que estes se adaptem à realidade do país e possam se inserir ao mercado de trabalho mais rapidamente.

Por fim, a terceira principal forma de prática de cuidado encontrada foi o envio de remessas internacionais. Entretanto, o envio de remessas internacionais para seus parentes no Haiti tem sido uma de suas maiores frustrações, sendo que os sujeitos empregados recebem salários baixos que muitas vezes são o suficiente somente para manter seu núcleo familiar que está no Brasil, não restando margem para o envio de remessas para o Haiti.

#### 4.5 “CUIDA DE MIM QUE EU VOU PRA TE SAUDAR”<sup>14</sup>

“No final de semana eu vai na igreja e depois eu vai dormir. Se chama metodista (a igreja). Conhecia, mas eu ia na igreja Batista lá no Haiti. Eu ouvia falar Metodista, Metodista, e vai lá não. E aqui no Brasil não tem igreja Batista para mim. Eu ficar lá com pastor, então eu vou lá na Metodista” (Joel, setembro de 2017).

Este caminho também faz parte dos deslocamentos intracomunidades, sendo também um dos que mais ressaltaram na pesquisa de campo. Como dito nos caminhos metodológicos, a porta de entrada ao campo foi o Pastor Ali, em conjunto com o Grupo IR. Ademais, a maior parte da pesquisa de campo foi conduzida dentro da construção da igreja, uma vez que as aulas de português e as comemorações acontecem normalmente nas igrejas.

Neste sentido, as práticas religiosas, ou práticas crentes (CERTEAU, 2008), são ponto central da organização das comunidades de imigrantes. As lideranças religiosas de cada comunidade correspondem, de um certo modo, a figura de representantes

---

<sup>14</sup> Essa seção diz respeito às práticas religiosas.

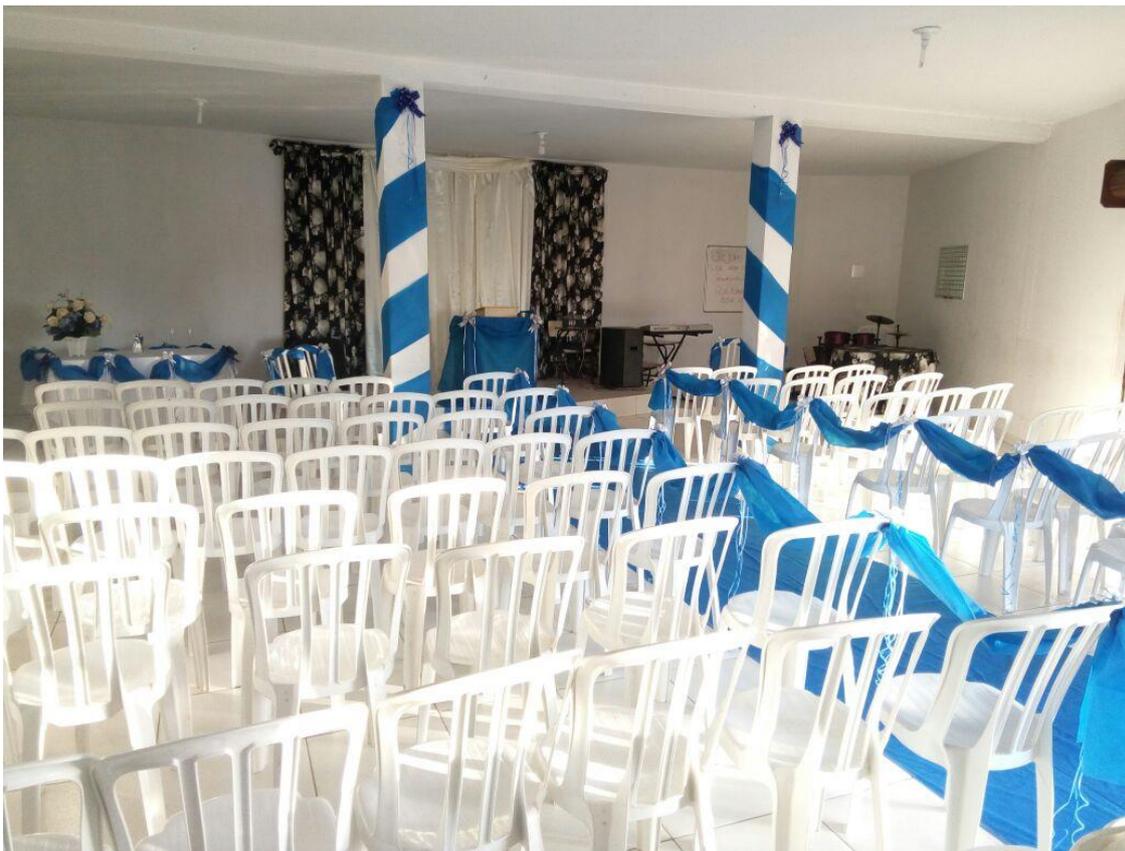
políticos no processo de atendimento das necessidades dos imigrantes destes locais, uma vez que eles possuem um contato mais intenso com seus fiéis durante as atividades da igreja.

É possível notar que o caminho entre a casa dos sujeitos de pesquisa para as igrejas são uma parte muito importante de suas vidas. Tal significado afetivo atribuído às práticas religiosas pode se explicar, em parte, porque a estrutura da igreja é o que propicia o contato social mais intenso entre os membros das comunidades, além de ser parte do lazer dos haitianos nos seus dias de folga.

“Minha casa. Depois do serviço, minha casa. Não consigo ficar em casa se tiver a porta aberta. Eu não fui da Metodista, eu fui da Assembleia, mas Deus colocou eu aqui. Aqui eu estou” (Adonia, setembro de 2017).

Ademais, o fato da igreja ser essencialmente voltada para os haitianos, com cultos feitos em crioulo haitiano e francês, faz com que o local seja um ponto de aproximação com a cultura de seu país de origem. Os cultos são repletos de artefatos que remetem sua terra natal, como decorações com as cores da bandeira do Haiti ou livros e bíblias em crioulo haitiano e francês. As cores azul e vermelha são constantemente utilizadas em suas decorações e presentes, como do pano de prato dado de presente, pois, segundo eles, essas cores fazem parte de sua bandeira e os representam.

Figura 6: Igreja Metodista da Comunidade Guanabara



Fonte: Pesquisa, 2017

Figura 7: Bandeira do Haiti



Fonte: IBGE (2002)

Certeau (2008) apresenta que sujeitos sociais (re)apropriam os lugares produzindo espaços sociais. A igreja é um local que permite a (re)apropriação e produz a mobilidade das relações de forças resultando na formação de campos de possibilidades nos quais os sujeitos “jogam” no cotidiano. Podemos afirmar, portanto, que as práticas religiosas é o ápice de manifestação das práticas táticas dos sujeitos haitianos da RMG.

“Quando eu chegou aqui, eu tinha um amigo que recebe nós. Aí foi essa igreja que ele vem para adorar Jesus e também ele me falou que tem uma igreja de haitianos. De lá que nós vamos a igreja e nós somos haitianos, mesmo assim a gente não conhece eles de lá, mas haitiano tem que fazer coisa, a gente a mesma língua e a gente pode entender mais os haitianos que os brasileiros e assim ele falou: nós vamos lá na igreja do haitiano quando eu chegou aqui. Aqui que eu descobri essa igreja” (Cedric, setembro de 2017).

Certeau (2008) nos põe que as organizações políticas passaram a ocupar o lugar nas igrejas, no sentido da crença enquanto empenho de indivíduos em uma proposição que estes consideram verdadeira e divulgam. Certeau (2008) ainda afirma que há uma aliança entre o poder e o religioso, em um movimento de tornar o político o novo religioso. Neste ponto a teoria se encaixa com o caso dos haitianos, dado que o Grupo IR como um todo faz o intermédio político e assistencial dos imigrantes haitianos.

Com efeito, se a prática religiosa pode ser entendida como tática do ponto de vista dos haitianos, pois é o espaço onde a sociabilidade se constitui a partir de elementos culturais de seu país de origem, ela também se configura como estratégia por ser a via de intervenção institucional brasileira no cotidiano destes sujeitos sociais. Ainda que a configuração social da comunidade seja essencialmente composta por haitianos, há a figura de intenção por brasileiros por meio do aspecto religioso.

A figura do pastor possui um tom de autoridade, em que se pese a sua influência política no cotidiano das comunidades. Sendo assim, as pessoas que estão associadas ao pastor adquirem automaticamente a figura de autoridade, sendo isso percebido pelo pesquisador durante o período em campo. No período despendido na Comunidade Expansul foi possível que percebêssemos o peso das relações de poder, sendo que as conversas com o pesquisador nos mostraram um tom de submissão, através de termos como “senhor” e “professor”.

Em contrapartida, na Comunidade Guanabara, em que o pesquisador se auto apresentou, sem a presença do pastor, foi possível percebermos que as relações ocorreram de forma mais fluida. De modo geral, a presença do pesquisador nessa comunidade causou um efeito de curiosidade entre os membros dela, vindo eles a se apresentarem e chamarem para as suas comemorações.

Podemos concluir então, no que diz Certeau (2008) em relação às práticas crentes, que em ambas comunidades há o alinhamento das práticas religiosas com o poder político, sendo esses diretamente relacionados. Ainda que seja predominantemente assistencial o objetivo do Grupo IR, é estabelecido uma relação de poder entre os haitianos e os brasileiros associados às práticas religiosas.

## **5 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao considerarmos a imigração como um processo praticado, destacamos que para além das motivações econômicas, há uma dimensão de construção de experiências das relações espaço e tempo, produzida em diferentes localidades e articuladas em contextos específicos, que devem ser consideradas e que são base de organização dos imigrantes. Tendo como base essas discussões, nesse trabalho, destacamos como objetivo compreender as práticas de organização dos imigrantes haitianos na região metropolitana de Goiânia, Goiás.

Do ponto de vista teórico, esse estudo aproximou os debates propostos por Michel de Certeau sobre práticas e de Tim Cresswell sobre imigração para compreender o processo migratório como experiências sociais multilocalizadas. Sendo assim, uma primeira contribuição de discussões que apresentamos ao campo da Administração é a desconstrução do entendimento da migração como fenômeno centrado em dimensões econômicas para discuti-lo como fenômeno político, a partir das proposições de Tim Cresswell. Com efeito, foi possível aproximar essas discussões dos debates apresentados por Michel de Certeau, pois este autor destaca a necessidade de compreensão da dimensão política da vida cotidiana também nas organizações.

Para o desenvolvimento desses debates teóricos, dissertamos sobre a necessidade de se considerar a prática como unidade de análise e fenômeno social político que é base de organização de processos migratórios. Sendo assim, buscamos construir um

caminho teórico, a partir de Michel de Certeau e Tim Cresswell que possibilitasse discutir politicamente uma análise organizacional da imigração. Portanto, nossa contribuição teórica nesse estudo é discutir um caminho de análise política organizacional da imigração no contexto dos Estudos Organizacionais.

Para a construção desse referencial teórico tivemos inicialmente dificuldade em encontrar estudos da administração que trabalhassem o sujeito haitiano em suas análises empíricas. Percebemos uma tendência do campo em apresentar a imigração do ponto de vista econômico, focando principalmente os fluxos migratórios europeus. Sendo assim, optamos por utilizar literatura de diversos campos de conhecimentos, principalmente da Antropologia e Filosofia, para a construção teórica de nosso sujeito de pesquisa.

Para que essa proposição teórica fosse possível, o campo empírico escolhido para a construção dessa dissertação foi a imigração haitiana, especificamente no contexto da Região Metropolitana de Goiânia, Goiás. Essa escolha ocorreu por (1) a imigração haitiana ser o principal movimento migratório ocorrido no Brasil desde os anos 2000; e (2) a região centro-oeste brasileira, onde está localizada o local de estudo, se constituir como uma alternativa de migração dentro do próprio país. Ou seja, é um movimento migratório no qual a dimensão internacional e nacional realizada por estrangeiros poderia ser analisada.

Durante o trabalho de campo encontramos algumas dificuldades, sendo uma das principais delas o deslocamento entre as duas comunidades, aliado com o período de aceitação do pesquisador pelo campo. Logo de início notamos que precisaríamos nos inserir nas comunidades mais profundamente, previamente às entrevistas, dado que os sujeitos de pesquisa se mostraram reservados ao acesso externo de um pesquisador à sua rotina. Tal necessidade de deslocamento constante, em horários condizentes com as atividades do campo, dispendeu uma disponibilidade financeira e temporal razoavelmente alta, já que estas comunidades estão localizadas em pontos extremos da Região Metropolitana de Goiânia, havendo dias em que foi preciso visitar ambas comunidades, que possuem uma distância de quase 27 quilômetros entre si.

A dificuldade em acessar essas comunidades reforça os resultados encontrados nas práticas de caminho, uma vez que o pesquisador possuía carro à disposição e pôde arcar com as despesas do acesso ao campo. Todavia, se dependêssemos de transporte público a pesquisa seria muito mais árdua, uma vez que não há conexão direta entre as duas comunidades. Além disso, para o acesso entre as duas comunidades por meio de

transporte público é necessário pegar três ônibus, sendo que cada passagem na RMG está no valor de R\$3,70. Cabe ressaltar que o valor do ônibus para deslocamento de ida e volta representa uma grande despesa para estes sujeitos que, em sua maioria, possuem sua baixa renda quase que totalmente comprometida para sua subsistência.

Paradoxalmente, esses sujeitos imigrantes, que atravessaram longas distâncias rumo ao Brasil, se encontram atualmente em uma situação de mobilidade dificultada pelo sistema social ao qual estão inseridos. As distâncias das duas comunidades entre si e das comunidades com os polos de lazer e comércio das cidades representam uma barreira estrutural, erguida no contexto urbano, que torna os imigrantes haitianos mais distantes de maiores opções de trabalho e de lazer.

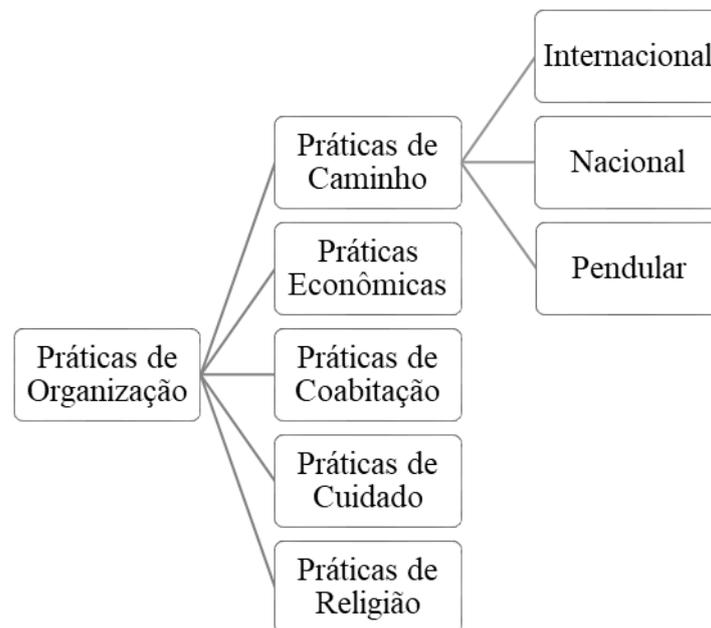
Outra dificuldade que encontramos na produção de material empírico foi a barreira idiomática. Apesar de uma das línguas oficiais do Haiti ser o francês e de o pesquisador possuir nível intermediário de francês, a língua mais praticada pelos imigrantes haitianos é o Crioulo Haitiano, considerada por eles como a “língua de casa”. A maior parte dos haitianos com que tivemos contato não dominava a língua francesa na fala, sendo que muitas vezes o pesquisador teve de usar o inglês, ou o espanhol para realizar a comunicação.

O conhecimento da língua francesa está relacionado ao tempo de acesso à educação formal, sendo esta, portanto, uma forma de poder. Ainda, é comum encontrar mais haitianos que falam espanhol do que francês, já que muitos deles residiram em países hispânicos previamente à vinda para o Brasil.

Em contrapartida, uma das facilidades da pesquisa foi que os imigrantes, uma vez que se habituaram ao pesquisador em campo, se mostraram pessoas extremamente afetivas e simpáticas. Foi, portanto, construída uma relação de afeto, sendo mesmo durante o período de escrita final deste trabalho, em que foi preciso afastarmos do campo, alguns dos sujeitos de pesquisa passavam mensagens dizendo que sentiam falta do pesquisador em campo.

Quanto aos resultados, as análises do cotidiano dos imigrantes haitianos possibilitaram a identificação e descrição de cinco práticas (figura 8) que constituem o processo organizativo dos sujeitos participantes do estudo, sendo elas: práticas de caminho; práticas econômicas e de trabalho; práticas de coabitação; práticas de cuidado; e práticas da religião.

Figura 8: Ilustração das práticas de organização



Fonte: Pesquisa 2017

As práticas de caminho dizem respeito aos deslocamentos realizados pelos imigrantes haitianos, sendo que apresentamos essa prática em três níveis de ocorrência, levando em conta as formas básicas de imigração (CRESSWELL, 2006): internacional; nacional; e pendular.

Nas práticas de caminho internacional discutimos como se deu o trajeto da imigração entre o Haiti e o Brasil, sendo descoberto os imigrantes haitianos mais recentes estão vindo ao Brasil de forma legal, em busca de melhores condições de vida. Nas práticas de caminho nacional apontamos que uma vez dentro do país, os haitianos se deslocam principalmente em busca de melhores oportunidades e para ficarem mais próximos aos seus amigos/parentes. Nas práticas de caminho pendular foi descoberto que os imigrantes da Região Metropolitana de Goiânia se deslocam principalmente para o trabalho, por meio de bicicletas ou a pé, sendo que eles não demonstram vontade/possibilidade de se deslocar em seus dias de folga por diversos motivos (cansaço, falta de dinheiro e violência urbana).

As práticas de caminho contribuem para as análises organizacionais no sentido que ela pode ser uma forma de se pensar na gestão, no que se diz respeito à mão de obra

de sujeitos imigrantes. Ao entendermos a trajetória de vinda dos haitianos para o Brasil podemos dispendir esforços para os direcionar para posições laborais que estão equivalentes às suas capacidades profissionais, uma vez que muitos desses sujeitos possuem formação, mas acabam por ocupar posições mais básicas. Além disso, o conhecimento sobre processo de mobilidade pendular pode auxiliar empregadores a oferecer melhores condições de acesso para os seus empregados, aumentando, assim, o grau de satisfação desses trabalhadores, que pode resultar em melhor produtividade.

A segunda prática que apresentamos foi a Prática Econômica, que se diz respeito à subsistência dos sujeitos de pesquisa. Descobrimos por meio da pesquisa de campo que os haitianos da região ocupam normalmente posições de serviços pesado, tendo baixos salários em retorno, sendo que a exploração da mão de obra faz com que a prática econômica se enquadre nas práticas estratégicas (CERTAU, 2008). No campo da Administração, os resultados encontrados na prática econômica são um alerta em relação às relações de trabalho entre imigrantes e empregadores brasileiros, cabendo repensar as formas de fiscalização por parte do Estado das condições de trabalho desses sujeitos.

A terceira prática que abordamos foi a Prática de Coabitação. Essa prática se mostrou comum em ambas comunidades, em que famílias haitianas precisam dividir moradias com outras pessoas por não possuírem condição financeira de manter uma casa sozinhos. Essa prática faz parte das práticas cotidianas capazes de realizar produções sem a dominação do tempo (CERTEAU, 2008). Do ponto de vista administrativo esta prática implica principalmente na gestão pública, uma vez as políticas de ocupação das cidades estão relacionadas ao acesso das pessoas às moradias.

O quarto ponto que tratamos foi o das práticas de cuidado. Encontramos a manifestação desta prática, que faz parte do processo de reconhecimento do outro como sujeito, em duas formas principais: envio de remessas internacionais para o Haiti e auxílio de outros imigrantes haitianos necessitados. Um ponto importante a ressaltarmos é que, do ponto de vista administrativo, essa prática influencia diretamente os hábitos de consumo dos sujeitos, uma vez que a necessidade de envio de remessas internacionais e o cuidado de outras pessoas implica na diminuição de consumo desses sujeitos.

Por fim, apresentamos as práticas de religião. Encontramos que a religiosidade é um elemento central para as comunidades pesquisadas, dado que é por meio da religião que há a reunião destes sujeitos haitianos, representando para muitos o seu momento de

lazer. É importante destacar que as igrejas se apresentam nesta pesquisa como instituições e organizações que atuam concomitantemente e, por vezes, em substituição as atuações das organizações estatais.

Sendo assim, futuras pesquisas podem aprofundar as discussões aqui apresentadas, por exemplo, em termos de gênero, pois observamos que há divisões de gênero nas comunidades haitianas que, devido a escolha teórica e metodológica do trabalho, não foram discutidas nesse estudo. Às mulheres são atribuídas as tarefas do lar e de criação, enquanto aos homens é definido que ele deve ser o principal responsável das finanças do núcleo familiar. Percebemos, ainda, que há maior dificuldade de aprendizado do português por parte das mulheres, uma vez que as mesmas não se manifestam em frente aos homens durante as aulas de português que são lecionadas nas igrejas. Em uma tentativa de solucionar esse problema de aprendizado, a professora de português da comunidade Guanabara dividiu a turma em dois horários, sendo um para as mulheres e outro para os homens.

Em termos de políticas públicas, esta pesquisa apresenta o diferencial de mostrar a situação de imigrantes em um contexto regional. Ressaltamos também que é preciso aprofundar o que tem sido feito por parte do Estado em atendimento das necessidades básicas da população imigrante. Ainda que, durante a pesquisa descobrimos que a prefeitura de Aparecida de Goiânia realiza uma participação mais ativa para com a Comunidade Expansul, esse cenário não é comum à outra comunidade, cabendo ao Grupo IR auxiliar estes sujeitos em suas demandas.

Portanto, as discussões que promovemos nesta dissertação se estabeleceram no campo dos Estudos Baseados em Práticas por meio das práticas de organização do maior fluxo de imigração na história recente do Brasil. Finalizamos esse trabalho com a apresentação de uma visão conceitualmente trabalhada da organização de pessoas, dissociado da figura empresarial que predomina na Administração, o que representa uma contribuição teórica para o campo.

## REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Pós-estruturalismo e análise das organizações: a contribuição da teoria ator-rede. **Anais do Encontro de Estudos Organizacionais**, 2008. p. 1-16.

ARAÚJO, A. A. A. **REVE DE BREZIL: A INSERÇÃO DE UM GRUPO DE IMIGRANTES HAITIANOS EM SANTO ANDRÉ, SÃO PAULO-BRASIL** Haitian immigration, migratory networks, migratory flow, Santo André, Brazil. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do ABC, Santo André, 2015.

ARAÚJO, A. A. A.; OLIVEIRA, A. C. O CONCEITO DE REDES: APONTAMENTOS REFERENTES À IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL. **SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR EM SOCIOLOGIA E DIREITO**, v. 9, n. 3, p. 164-176, out. 2014.

ÁVILA, Ot. C. **O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BAGANHA, M. I. Política de imigração: a regulação dos fluxos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 73, p. 29-44, 2005.

BARROS, V.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Eloisio Moulin de Souza. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. 1ed. Vitória: EDUFES, 2014, v. 1, p. 41-63.

BELLEGLARD-SMITH, P.; MICHEL, C.. **Vodou Haitiano: Espírito, Mito e Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. **Ofício de sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004. 97 p.

BRACANTE, P. H.; REIS, R. R. A Securitização da Imigração: um mapa do debate. **Lua Nova**, v. 77, p. 73-104, 2009.

CAVEDON, N. R. Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In: SOUZA, E. M. de. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Dados eletrônicos. Vitória, EDUFES, 2014, p. 65-90.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petropolis – RJ, Ed. Vozes, 2008.

CERTEAU, M.; MAYOL, P. **The Practice of Everyday Life**: Living and cooking. Volume 2. U of Minnesota Press, 1998.

CLEGG, S. R.; HARDY, C. Organizations, organization and organizing. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. (Ed.). **Handbook of organization studies**, 1996, Sage, p. 1-28,

COGO, D.; SILVA, T. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira/Between escape and invasion: otherness and citizenship of Haitian immigration in the Brazilian media. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 1, p. 1-18, mar./abr. 2016.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: Where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management learning**, v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010.

COSTAS, J. Problematizing mobility: a metaphor of stickiness, non-places and the Kinetic Elite. **Organization Studies**, v. 34, p. 1467-1485, 2013.

COTINGUIBA, G. C.. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR/RO, Porto Velho, 2014.

CRESSWELL, T. The right to mobility: the production of mobility in the courtroom. **Antipode**, v. 38, n. 4, p. 735-754, 2006.

\_\_\_\_\_. **In place-out of place**: geography, ideology, and transgression. U of Minnesota Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **On the move**: Mobility in the modern western world. Taylor & Francis, 2006.

\_\_\_\_\_. **Place**: an introduction. John Wiley & Sons, 2005.

CRESSWELL, T.; MERRIMAN, P.. **Geographies of mobilities**: Practices, spaces, subjects. Ashgate Publishing, Ltd., 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teoria e abordagens (SR Netz, Trad.). Porto Alegre, RS, Artmed, 2006.

DEWALT, K. M.; DEWALT, B. R. **Participant observation**: A guide for fieldworkers. Rowman Altamira, 2011.

DIEHL, F. As ressignificações do conceito de raça e o racismo contra os imigrantes haitianos no Brasil. **Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, 2016. p. 1-20.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 13ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.

FERNANDES, D. O. Brasil e a migração internacional no século XXI: notas introdutórias. In: PRADO, E. J. P.; COELHO, R. (Orgs.). **Migrações e trabalho. Brasília**: Ministério Público do Trabalho, 2015.

FERNANDES, D.; CASTRO, M. C. G. **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral**. Belo Horizonte: Organização Internacional das Migrações, 2014.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, v. 2, 2010.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GODOY, G. G. **O caso dos haitianos no Brasil e a via da proteção humanitária complementar: 60 anos de ACNUR**, p. 45, 2011.

HAMMARSTEDT, M. Self-employment among immigrants in Sweden—an analysis of intragroup differences. **Small Business Economics**, v. 23, n. 2, p. 115-126, 2004.

HANDERSON, J. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa**. 2015. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **IBGE Atlas: Atlas Geográfico Escolar**. Rio de Janeiro, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. (Estudos e análises: Informação demográfica e socioeconômica, v. 1). Rio de Janeiro: 2014.

JÚNIOR, E. A. Q.; PEIXOTO, D. L.; CARRIERI, A. P. Cristalização de uma microrrevolução francesa: o caso das cooperativas de Salinas-MG. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 6, p. 162, 2013.

LEITE, R. P. A Inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARIZ, M. E. A.; BÓGUS, L. M. M.. Empreendedorismo Feminino: Imigrantes portuguesas em São Paulo. **Brasiliana - Journal for Brazilian Studies**, v. 2, n. 2, p. 477-505, 2013.

MEJÍA, M. R. G. Relato da experiência migratória de mulheres haitianas no Sul do Brasil. **Congreso Latinoamericano de Antropología, IV**. 2015. p. 1-14.

OLIVEIRA, A. T. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, n. 44, 2015.

OLIVEIRA, J. F. Empreendedorismo Sem Fronteira: desafios e conquistas dos imigrantes chineses no Brasil. **XXXI Encontro da ANPAD-EnANPAD**, 2007. p. 1-12.

OLIVEIRA, M. O tema da imigração na sociologia clássica. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 57, n. 1, p. 73-100, 2014.

OLIVEIRA, M. R. et al. Ressignificação da identidade no processo de imigração haitiana: uma pesquisa numa cidade do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 2, n. 2, p. 145-159, 2015.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 88-98, mar. 2009.

PERONI, C.; RIILLO, C. A. F; SARRACINO, F.. Entrepreneurship and immigration: evidence from GEM Luxembourg. **Small Business Economics**, v. 46, n. 4, p. 639-656, 2016.

PIMENTEL, M. L.; COTINGUIBA, G. C. Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. **Universitas Relações Internacionais**, v. 12, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2014.

RATHA, D.; EIGEN-ZUCCHI, C.; PLAZA, S. **Migration and remittances Factbook 2016**. World Bank Publications, 2016.

RODRIGUES, V. M.; MARCHESE, V. F.. Migração haitiana para o Brasil: problemática e perspectivas. **Acesso Livre**, n. 5, jan.-jun. 2016

SAMPAIO, I. C.; FORTUNATO, G.; BASTOS, S. A. P. A estratégia como prática social: o pensar e o agir em um programa social governamental. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 66, p. 479-499, 2013.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 26, n. 77, p. 47-62, 2011.

SILVA, A. R. L.; CARRIERI, A. P.; SOUZA, E. M.. A constructionist approach for the study of strategy as social practice. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 9, n. SPE, p. 1-18, 2012.

SILVA, A. P et al. "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, C.. A.; Yen-Tsang C. Tem Comida Chinesa no Prato dos Brasileiros: Como Empreendem os Imigrantes Chineses no Brasil. **XXXIX Encontro da ANPAD–EnANPAD**, 2015.

SILVA, J. C. J.; OLIVEIRA, M. M. Migrações, fronteiras e direitos na Amazônia. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, n. 44, p. 157-169, 2015.

SILVA, P. K. M. **Seguindo rotas**: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela tríplice fronteira norte. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

SMITH, J. K. Interpretative Inquiry. In: GIVEN, L. M. (Ed.). **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. Sage Publications, 2008.

TAMER, A. S.; POZZETTI, V. C. A imigração haitiana e a criminalidade no município de Manaus. **Revista do Direito Público**, v. 8, n. 3, p. 55-76, set/dez 2013.

THOMAZ, D. Z. **A Categoria do Refugiado Revisitada**: Transformações na Soberania Estatal e o Caso da Migração Haitiana para o Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2015.

VÉRAN, J.; NOAL, D. S.; FAINSTAT, T. Nem refugiados, nem migrantes: a chegada dos haitianos à cidade de Tabatinga (Amazonas). **Revista Dados**, v. 57, n. 4, 2014.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-28.

WOODING, B.; MOSELEY-WILLIAMS, R. **Needed but unwanted**. Catholic Institute for International Relations, London, 2004.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Sobre a história de vida:

- Onde nasceu? Idade? Como foi sua infância? Como era sua cidade? Como era sua escola? Qual era a sua rotina? Você exercia alguma profissão? Qual sua escolaridade? Qual idioma você falava majoritariamente no Haiti? Como era sua família no Haiti? Você é casado? Tem filhos?

Sobre a vida no Haiti.

Sobre a decisão de migrar para o Brasil:

- Quando você chegou? Por que o Brasil? Alguém influenciou sua decisão? Como foi o processo de migração? Por onde você entrou? Você veio sozinho? Já tinha parentes/conhecidos no Brasil?

Sobre os efeitos do terremoto de 2010 em sua vida.

Sobre o local de residência de sua família:

- Onde moram? Se no Brasil, quando vieram?

Sobre a decisão de se estabelecer em Goiás:

- Você esteve em outro lugar no Brasil antes?

Sobre as pessoas com que você reside:

- Mora sozinho? Com colegas? Família? Amigos?

Sobre o trabalho:

- Você trabalha? Quanto tempo levou para conseguir? Como conseguiu? Teve ajuda?

Sobre as atividades (sociais, políticas, culturais) com outros haitianos:

- Quais são essas atividades? Quem organiza essas atividades? Onde elas ocorrem?

Sobre auxílio aos imigrantes, por instituições:

- Que instituições são essas? O que fazem? Como se encontraram?

Sobre você:

- Você sente que mudou, como pessoa, após imigrar? Você tem a intenção de imigrar novamente? Você se sente acolhido pelos brasileiros? Você passa muito tempo com haitianos? Quais foram suas dificuldades no Brasil? O que você gosta do Brasil?

**ANEXO 1 – MÚSICA “FIO DE PRUMO”****Fio de Prumo (Padê Onã)**

Interprete: Criolo

Laroyê bará

Abra o caminho dos passos

Abra o caminho do olhar

Abra caminho tranquilo pra eu passar

Laroyê legbá

Tomba o mal de joelhos

Só levantando o ogó

Dobra a força dos braços que eu vou só

Laroyê eleguá

Guarda ilê, onã, orum

Coba xirê deste funfum

Cuida de mim que eu vou pra te saudar

Que eu vou pra te saudar

Muros de concreto infeto

De pedra, cal, cimento e dejetos

Aponta pra cabeça, ori

A cidade um cronista, ogi

E a dobra do dorso do operário na rua

Labirinto, fauna, sombra, luz da lua

Aço, peito, flecha, caminho

Magma, lava, inveja, vizinho

Posto de saúde dos anos 80

A. s., benzetacil, cibalena

Vida real dessa filosofia

Máquinas comem você, meio dia

O ponteiro, o relógio, a corrida pro pódio  
A estética do mal no terror psicológico  
Espelho, perdão, lâmina, credo  
Ocupar essa praça, honesto  
A favela aguarda atenta ao revide  
Manifesto vira piada, declive  
Corrida clichê desagradável, pai  
Fetichismo de playboy é colar com barrabás  
Todos os dias na biqueira alguém vai  
Pra deixar um pouco mais a alma em stand by  
O que faremos, então? Sem provocar alarde  
Sepulcro mediano me mate nessa tarde

Beberemos

Nesta água nicodemos

Oremos

Pois vamos suar veneno

Laroyê bará

Abra o caminho dos passos

Abra o caminho do olhar

Abra caminho tranquilo pra eu passar